

MARACANÃ

70

anos



eME
eMuseu do Esporte

Silvio Telles | Rodrigo Vilela | Caio Serpa Madeira

eME

eMuseu do Esporte



PATROCÍNIO



Secretaria de
Esporte, Lazer
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO



MARACANÃ

70

anos

eME
eMuseu do Esporte

2020



Silvio Telles



Rodrigo Vilela



Caio Serpa
Madeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Kátia Luciane Macedo Martins – CRB-2/849
Bibliotecária

T269m Telles, Silvio, 1972-
 Maracanã 70 anos / Silvio Telles, Rodrigo Vilela,
 Caio Serpa Madeira. – 1. ed. - Rio de Janeiro: eMuseu do
 Esporte, 2020.

108 p.: Il.

ISBN 978-65-993425-0-9

1. Estádio do Maracanã 2. Esporte – História.
3. Futebol – Estádio. I. Vilela, Rodrigo. II. Madeira,
Caio Serpa. III. Título.

CDD: 796

Índices para Catálogo Sistemático
Estádio do Maracanã

Revisão: Renata Costa André da Silva

Capa e Graphic Designer: Evlen Lauer

Coordenação Editorial: Ana Miragaya

Curador: Lamartine DaCosta

InovUerj
Departamento de Inovação



PPGCEE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DO EXERCÍCIO E DO ESPORTE

Conselho Editorial para a seleção autores do livro “Maracanã 70 Anos” produzido com o apoio da InovUERJ/Departamento de Inovação e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte-PPGCEE da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ: Profa. Dr. Marinilza de Carvalho Bruno; Profa. Dr. Gabriela Souza; Prof. Dr. Silvestre Cirilo Santos Neto; Profa. Dr Ana Maria Miragaya e Prof. Dr. Lamartine P. DaCosta.

APRESENTAÇÃO

Com muito orgulho e prazer venho apresentar o trabalho realizado no Projeto de Exposição dos 70 Anos do Estádio do Maracanã e o seu produto final, o presente livro, o qual reuniu vários autores de diferentes universidades – professores e alunos –, relatando fatos históricos do famoso marco esportivo brasileiro completados por estudos e pesquisas no mesmo tema.

Claro está que o Estádio do Maracanã dispensa apresentações, assim devo mencionar entretanto o Projeto de Legado da História do Esporte Brasileiro, e neste contexto, falar do Maracanã e principalmente na comemoração dos seus 70 anos, torna-se mandatário. Cabe também realçar que projeto em tela teve seu início como tese de Doutorado do Instituto de Educação Física da UERJ que focalizou a inovação tecnológica envolvendo a memória do esporte. Ao se titular doutora, a autora – a professora Bianca Gama Pena – teve o projeto selecionado na Incubadora ITECS do IME UERJ e com isto seu projeto se transformou na Empresa Incubada Gama Assessoria cujo principal produto é o Sistema Tecnológico de Ambiente Virtual - eMuseu do Esporte.

Hoje, o eMuseu do Esporte é um museu virtual do Esporte Brasileiro que integra dirigentes, atletas e fãs, com abrangência nacional e internacional, na divulgação da História do Esporte e todos os seus players, incluindo estudos e pesquisas por parcerias com universidades brasileiras e do exterior. O projeto de Empresa além de expor e tratar de todas as modalidades esportivas, também ampliou seu escopo como Ambiente Virtual de Exposição e

Apresentações de Congressos, Feiras, etc., bem como a criação de uma Editora.

Neste contexto de realizações está sendo lançado o Livro “Maracanã 70 Anos”. E neste propósito, a UERJ através do seu Departamento de Inovação – InovUerj tem enorme satisfação de participar da entrega de mais um resultado do trabalho do eMuseu do Esporte, um projeto nascido, criado, desenvolvido e transferido á sociedade pelos caminhos da parceria da Academia, Sociedade e Governo. É uma honra conferir como a parceria do trabalho conjunto, a visão empreendedora de uma Empresa e sua Direção, com o apoio de todos pode trazer cidadania, inclusão social e qualidade de vida para a Sociedade.

Parabéns a Bianca Gama Pena, pelo empenho e dedicação, aliados a sua incrível competência bem como os autores da presente obra, típico exemplo de trabalho em equipe tão característico do melhor das universidades brasileiras. Parabéns a todos a quem vocês conquistaram e acreditaram em vocês. Parabéns a UERJ e o Rio de Janeiro por terem o eMuseu do Esporte.

Parabéns ao Maracanã pelos seus 70 anos e boa leitura.

Profa. Dr. Marinilza Bruno de Carvalho,
Diretora do Departamento de Inovação – InovUerj,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

O presente livro teve como ponto de partida a exposição “Maracanã 70 Anos” organizada pelo eMuseu do Esporte no segundo semestre de 2020 com acesso on line www.emuseudoesporte.com.br para a entidade promotora e <https://expo3d.emuseudoesporte.com.br/maracana/pt-br/index.html> para a mostra, mantida disponível para visitas. Como todas as produções referidas à memória, “Maracanã 70 Anos” representou um levantamento de fatos marcantes e de imagens do passado do estádio ícone do Brasil, antecedido por projeto depois desenvolvido por uma equipe de pesquisadores vinculados à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, composta pelos profissionais de Educação Física Silvio Telles, Rodrigo Vilela Elias e Caio Serpa Madeira, sendo o primeiro orientador e os demais orientandos vinculados ao programa de Pós-Graduação em Ciência do Exercício e do Esporte – PPCGEE.

Os resultados da exposição ao ser disponibilizada na Internet numa ambientação digital de sentido esportivo foram excepcionais em termos museológicos desde que durante o primeiro mês do evento, julho de 2020, houve 135.368 visitantes que se somaram a uma amostra especial da exposição transmitida pela TV Globo do Rio de Janeiro com 5,3 milhões de assistentes. Diante da grande aceitação pública, o gestão do eMuseu do Esporte ampliou o projeto inicial, desdobrando a exposição em uma obra escrita de formato ebook adicionando estudos e pesquisas relacionados ao tema Estádio Maracanã, que forma o segundo bloco da presente obra. Para este estágio complementar uma nova equipe foi organizada composta por Silvio Telles, Lamartine DaCosta, Bianca Gama Pena, Ana

Miragaya, Rodrigo Vilela e Caio Serpa, todos operando em curadoria e autoria, tendo como revisora ortográfica Renata Costa André da Silva e Evlen Lauter como designer. Ao final, os estudos e pesquisas contavam com mais sete colaboradores em quatro capítulos como se pode acompanhar pelo Sumário adiante. Neste conjunto mais uma vez alunos orientandos compuseram-se com a orientação acadêmica

Em resumo, esses dados são introdutórios à presente publicação de livre acesso uma vez que redefinem o significado do tema “Maracanã 70 Anos” e do próprio eMuseu do Esporte pois (1º) o propósito educacional do eMuseu do Esporte foi reforçado pela produção de livro, gerando conhecimento como extensão de memória histórica; (2º) criou-se um novo estímulo aos estudos e pesquisas em ambiente universitário, conectando alunos e professores aos projetos do eMuseu do Esporte; (3º) a estrutura operacional do eMuseu do Esporte foi fortalecida com novas funções de estudos e pesquisas ao se associarem a atividades acadêmicas; (4º) o público potencial do eMuseu do Esporte foi ampliado ao se disponibilizar livros de bom nível intelectual com acesso público gratuito.

Parabéns ao Maracanã e congratulações às entidades mantenedoras do eMuseu do Esporte por apoiarem as inovações que deram origem à presente obra, citando-as nominalmente: Rede Globo, Governo do Estado do Rio de Janeiro -Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude, Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro – SUDERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Sociais e Cooperativas Sociais – ITECS e Enel Distribuição Rio – Patrocinador.

Bianca Gama Pena

Gestora do eMuseu do Esporte

SUMÁRIO

3 Apresentação

Marinilza C. Bruno

5 Introdução

Bianca Gama Pena

1ª PARTE

8 Fotos & Fatos Maracanã 70 Anos

Silvio Telles, Rodrigo Vilela & Caio Serpa Madeira

2ª PARTE

65 Estudos e Pesquisas no

Tema Estádio Maracanã

Bianca Gama Pena, Lamartine DaCosta,
Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo,
Agnaldo de Senna, Isabela Gonzaga dos Santos,
Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares e Rômulo Reis

65 Autores

Titulação, vínculo e endereço

Direitos autorais | Autores retêm os direitos de autoria dos trabalhos da presente publicação e permitem disponibilizar o trabalho não publicado sob uma licença Creative Commons Attribution License, que autoriza o livre acesso, uso e divulgação/compartilhamento do trabalho, com indicação de autoria e sua apresentação inicial.

PRIMEIRA PARTE

**FOTOS & FATOS
MARACANÃ
70 ANOS**

A CONSTRUÇÃO DA CASA DO POVO (1948-1950)



SUDERJ.

O Maracanã, que inicialmente foi nomeado de “Estádio Municipal”, foi construído com o objetivo de sediar a Copa do Mundo de 1950. Suas obras foram iniciadas em 1948 e sua inauguração aconteceu em 16 de junho de 1950 num jogo entre as seleções Carioca e Paulista. O carioca Didi fez o primeiro gol, mas São Paulo venceu por 3x1. Apesar do jogo inaugural, as obras não haviam sido concluídas e no momento que a Copa de 1950 começou ainda havia detalhes para serem terminados.

Naquela época, o turfe era uma grande paixão nacional. As corridas de cavalo atraíam multidões e onde seria construído o novo estádio para Copa do Mundo era um espaço destinado para essa prática. O Derby Clube, fundado em 1885, foi demolido para nascer o maior estádio do mundo, que teve a alcunha de “O Colosso do Derby”.

O Maracanã foi construído para ser um grande marco na representação de um país que buscava afirmação em âmbito mundial, como também uma demonstração da capacidade de construção do maior estádio do mundo. Para se ter uma ideia, até a inauguração do Maracanã, o maior estádio do Brasil era São Januário, com uma capacidade de 48.604 espectadores. Já o novo estádio comportaria aproximadamente 160 mil pessoas, mas há relatos da presença de 200 mil!

Durante a obra três mil operários colaboraram na construção e na reta final foram computados mais de 10 mil que trabalharam nos três turnos para que tudo ficasse pronto a tempo. As obras foram encerradas com 665 dias de duração, a tempo de abrigar os principais jogos da competição. O nome do estádio, posteriormente, foi dado em homenagem a Mário Filho, irmão do famoso escritor Nelson Rodrigues, árduo defensor da construção e célebre jornalista esportivo da época, chamado até mesmo de “namorado do estádio”, na época.

O vocábulo Maracanã tem sua raiz na língua tupi e significa “semelhante a um chocalho” (maracá, “chocalho” e ã “semelhante”), designando um tipo de papagaio grande conhecido no norte do Brasil como Maracanã-guaçu, devido ao ruído que ele produz, semelhante ao de um chocalho. Essa ave existia em grande quantidade naquela área, antes da construção do estádio. O nome Maracanã foi dado inicialmente a um rio que corta o bairro de mesmo nome, e estendendo-se ao estádio.

Uma curiosidade a destacar foi que Mário Jorge Lobo Zagallo, que se tornaria campeão do mundo como jogador em 1958 e 1962 e em 1970 como técnico, ajudou na construção do estádio. Zagallo aos 18 anos servia ao exército e como as obras atrasaram, o 6º batalhão, no qual ele servia, foi recrutado para ajudar na retirada do en-

tulho. Em 16 de julho, no jogo final entre Brasil e Uruguai, lá estava de novo o recruta Zagallo, que fazendo a segurança do estádio viu o Maracanaço, nome que designou a fatídica derrota brasileira para a celeste olímpica por 2 a 1, lembrando que um empate daria o título ao Brasil.

COPA DO MUNDO DE 1950. A ALEGRIA QUE ACABOU EM TRISTEZA (16 de julho de 1950)



Fonte: Domínio Público.

No quadrangular final da Copa de 1950, Brasil e Uruguai se enfrentaram e quem vencesse seria o Campeão. A euforia do favoritismo se transformou no silêncio ensurdecedor de 200 mil brasileiros que estavam no Maracanã. Perplexos, os torcedores não acreditavam na derrota, de virada, para o Uruguai com o gol de Ghiggia, o carrasco e herói da final. Brasil 1 x 2 Uruguai.

A Copa de 1950 foi precedida por um período obscuro para a humanidade. A Segunda Guerra Mundial, que terminou em dois de setembro de 1945 com a rendição japonesa e deixou a Europa em condições precárias. A realização em seu território de mais uma competição de futebol não seria possível. Já não haviam acontecido as edições de 1942 e 1946. A Itália, bicampeã mundial em 1934 e 1938 mostrava a força do futebol europeu, embora o Uruguai tivesse conquistado em casa a primeira versão da competição com uma vitória sobre a Argentina em Montevideu por 4 a 2.

Para essa edição, o Brasil como sede e a Itália como última campeã já haviam assegurado suas vagas. Depois de inúmeras desistências de diversos países, inclusive a Alemanha, que foi proibida de jogar pela FIFA, disputaram a competição 13 seleções.

O período ao redor da realização da Copa foi recheado de mudanças no Brasil. A promulgação da Constituição de 1946 e a criação da Petrobrás em 1953 são exemplos da efervescência política, econômica e social da época. Entre os anos finais de 1930 e iniciais de 1950 o Brasil via no petróleo uma oportunidade de ascender economicamente. Com o apoio de Getúlio Vargas a campanha com slogan “O petróleo é nosso” demonstrava o ufanismo e uma tentativa de desenvolvimento de um país. A Copa do Mundo de 1950 e o novo estádio do Maracanã reforçavam esse sentimento. Conquistar o torneio seria uma grande demonstração de uma nação em franco crescimento.

A seleção brasileira era a favorita ao título. O técnico Flavio Costa tinha um elenco recheado de craques liderados por Zizinho e Nilton Santos. O escrete imprimiu goleadas em seleções como a Suécia por 7 x 1 e a Espanha por expressivos 6 a 1. A imprensa já dava como certa a vitória brasileira.

Não houve um jogo final. A competição foi decidida em um Quadrangular final envolvendo as equipes da Suécia, Espanha, Brasil e Uruguai. Com as vitórias contundentes sobre Suécia e Espanha e o Uruguai tendo empatado com a Espanha em 2 a 2 e vencido apertado a Suécia por 3 a 2, a seleção brasileira era de fato a grande favorita. Para aumentar a euforia o time brasileiro, que só precisava do empate, abre o placar com Friaça no início do segundo tempo, mas viu Schiaffino aos 21 e Ghiggia aos 34 reverter a vantagem e o Uruguai conquistar seu segundo título mundial.

Quem esteve presente, relatou que após o gol de Ghiggia o estádio ficou no mais profundo silêncio e que ao final da partida a torcida, incrédula, saiu também sem produzir qualquer manifestação. Essa derrota é caracterizada como a maior tragédia esportiva brasileira. Anti-heróis foram criados como o goleiro Barbosa que, apesar de ter sido um dos melhores de sua geração, acabou por ser estigmatizado como o responsável pela derrota. Fardo que o acompanhou por toda a vida.

O Maracanaço é até hoje exaltado pela torcida uruguiaia e permanecerá para sempre como um fantasma para a seleção brasileira, acirrando os ânimos entre os jogadores e torcedores nos jogos entre o Brasil e o Uruguai.

O MAIOR FLA X FLU DE TODOS OS TEMPOS (15 de dezembro de 1963)



Fonte: Domínio público

194.603 torcedores lotaram o Maracanã para ver o Fla x Flu que detém o recorde de público num jogo entre clubes. A partida, final do Campeonato Estadual, terminou com um empate sem gols que acabou por favorecer o Flamengo. O apito final foi dado pelo árbitro Cláudio Magalhães, após defesa do goleiro Marcial (Flamengo). Na foto ainda temos Luís Claudio e Murilo comemorando o título.

Em uma época em que os campeonatos estaduais eram competições muito importantes e prestigiadas, o maior Fla x Flu da história retrata a paixão do carioca pelo futebol e, em especial, pelo Maracanã. 177 mil pagantes não representavam a realidade da quantidade de pessoas naquele dia. Outras quase 20 mil entraram sem ingresso. O estádio não tinha cadeiras, as arquibancadas de cimento

possibilitavam que os torcedores ficassem amontoados e ainda existia a geral onde se assistia ao jogo de pé.

Este quantitativo de presentes é o maior confronto entre clubes da história do Maracanã, perdendo em números oficiais, somente para jogos da seleção brasileira, como a final da Copa de 1950. Esses números jamais voltarão a acontecer no Maracanã, já que após as reformas a capacidade agora não ultrapassa 80 mil torcedores.

O Flamengo foi o campeão carioca de 1963, conquistando seu 14º título, e tinha como técnico Flávio Costa, o mesmo que dirigiu a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950. O Rubro Negro não levantava a taça havia sete anos. Esse jejum talvez justifique a maciça presença de torcedores de ambas as equipes. O Fluminense não vencia desde 1959, o que dava contornos de maior tensão ao clássico. O goleiro Marcial do Flamengo foi decisivo, tendo atuação destacada evitando o gol tricolor em diversas oportunidades.

ELIMINATÓRIA PARA COPA DE 1970 (31 de agosto de 1969)



Fonte: Domínio público.

183.341 pagantes lotaram o Maracanã para empurrar o Brasil no jogo que decidiria sua classificação para a Copa de 1970. A campanha da seleção nas eliminatórias foi primorosa e as “Feras do Saldanha” não decepcionaram no gigante lotado. Brasil 1 X 0 Paraguai com gol do Rei aos 23’ do segundo tempo. A antológica seleção ainda encantaria o mundo na Copa de 1970 conquistando o Tricampeonato.

No dia 31 de agosto de 1969 a seleção canarinho enfrentava a seleção do Paraguai em jogo válido pelas eliminatórias para a copa do Mundo do México que aconteceria no ano seguinte. Craques como Pelé, Gerson, Tostão e Jairzinho estavam em campo nesse dia. As “feras do Saldanha” estavam muito próximas da classificação e já haviam vencido a mesma seleção na casa do adversário. Contudo, o Paraguai também vinha bem na competição, embora juntamente com a Argentina, não tivesse conseguido obter a classificação para a Copa do México.

O público pagante no estádio figura entre os 3 maiores da história de jogos da seleção brasileira. Em número de pagantes este jogo supera a final da Copa de 1950, que teve oficialmente 173 mil e os 174 do jogo de 1954 também contra o Paraguai pelas eliminatórias.

O escrete brasileiro vinha fazendo uma bela campanha nas eliminatórias, tendo conquistado 13 vitórias consecutivas, além de buscar manter uma invencibilidade que perdurava 10 meses. Pelé aos 23 minutos do segundo tempo dá contornos finais à partida: Brasil 1 a 0. Nelson Rodrigues escreveu em sua crônica no jornal O Globo que o escrete do João era um criador de multidões, se referindo ao técnico e à quantidade imensa de torcedores no estádio. Essa seleção sagrar-se-ia campeã do mundo, sendo para muitos, o maior time de todos os tempos do futebol mundial.

MILÉSIMO GOL DO PELÉ (19 de novembro de 1969)



Fonte: SUDERJ.

Foi de pênalti, e a responsabilidade de não decepcionar a torcida que gritava Pelé, Pelé, Pelé, pesava sobre suas costas. O rei pensou até em não cobrar o tiro direto para o gol do arqueiro vascaíno Andrada, porém o momento não permitia que outro jogador batesse aquela penalidade máxima. No fim, alegria e festa. Pelé fez o Gol 1000, o único e necessário gol da partida contra o Vasco que terminou 1 x 0.

No dia 19 de novembro de 1969, Edson Arantes do Nascimento faria o seu milésimo gol. A “cereja do bolo” seria que este tento fosse marcado no maior estádio do mundo, o Maracanã. Não bastasse a icônica trajetória do maior jogador de todos os tempos, coube ao Maracanã novamente entrar para a história através de um feito memorável. Em um jogo válido pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o equivalente ao atual Campeonato Brasileiro, o Santos venceu o Vasco por 2 a 1. O campeão deste evento

foi a equipe do Palmeiras. O jogo não tinha muita importância para a colocação do torneio, mas a possibilidade de Pelé converter seu milésimo gol deu maior visibilidade à partida, ainda mais sendo realizada no Maracanã.

Aos 34 minutos do segundo tempo Pelé vence o goleiro do Vasco, o argentino Andrada, que por pouco não pega a penalidade máxima, que foi batida no canto inferior esquerdo do goleiro.

DESPEDIDA DE PELÉ DA SELEÇÃO (1971)



Fonte: <https://esportes.estadao.com.br/fotos/futebol,pele-se-despediu-da-selecao-brasileira-em-amistoso-no-morumbi-em-1971,492761>

Como bem se sabe, durante toda a sua carreira, Edson Arantes do Nascimento balançou a rede mais de mil vezes. Destes, 95 foram pela Seleção Brasileira, num total de 123 partidas disputadas, sendo o maior artilheiro da história. Nascido em 23 de outubro de 1940, natural de Três Corações, Minas Gerais, Pelé é o único jogador brasileiro a

conquistar três copas do Mundo (1958, 1962, 1970) e o jogador mais novo (17 anos e 8 meses) a vencer uma edição da mesma competição.

No dia 18 de julho de 1971, Pelé decide encerrar sua carreira com a camisa amarela. O jogo foi contra a seleção da Iugoslávia, num amistoso, e como não poderia ser diferente, ocorreu no estádio mais importante do Brasil, o Maracanã. A partida contou com a presença de mais de 140 mil pessoas e acabou empatada em dois a dois. Pelé, que foi substituído por Claudomiro, jogou apenas o primeiro tempo, infelizmente não fazendo nenhum gol. Marcaram pelo Brasil Gerson e Rivelino. Com a sua saída, tanto deste jogo como também da seleção, todos os brasileiros ficaram com o desejo de quero mais.

Apesar de encerrar suas participações nesse dia, Pelé continuou jogando pelo Santos até 1974 e no New York Cosmos, equipe americana, até 1977.

DESPEDIDA DE GARRINCHA (1973)



Fonte: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,em-1973-despedida-de-garrincha-reuniu-estrangeiros-que-jogavam-no-pais,70002461412>

Manuel dos Santos, o Garrincha, conhecido também como “Alegria do Povo”, começou jogando futebol pela fábrica onde trabalhava. Logo foi contratado pelo Botafogo e defendeu a seleção brasileira inúmeras vezes. Nascido em 28 de outubro de 1933, na cidade de Pau Grande, interior do Estado do Rio de Janeiro, ficou famoso por conta de suas pernas “tortas” que desconcertavam os melhores zagueiros do mundo. Teve a oportunidade de ganhar com a seleção canarina a Copa do Mundo de 1958 e 1962 e, também, foi por ela que se despediu dos gramados. A partida que ficou conhecida como “Jogo da Gratidão” tinha como objetivo arrecadar dinheiro para a melhoria da situação financeira de Garrincha. O jogo contou a assistência de mais de 130 mil espectadores pagantes e com a participação especial de Pelé.

O certame ocorreu em 19 de dezembro de 1973 e foi contra um combinado de atletas do exterior. O Brasil ganhou a partida por 2 a 1, com gols de Pelé e do zagueiro Luiz Pereira. No Maracanã havia bandeiras de diversos estados, cujos torcedores vieram para homenagear um dos maiores jogadores de todos os tempos. Houve o incentivo de muitas empresas na divulgação e compra de ingressos. O Flamengo cedeu sua concentração em São Conrado, o Botafogo emprestou seu ônibus para o transporte, a Caixa Econômica Federal e Poupança Delfin compraram 1000 ingressos cada. O Ponto Frio adquiriu 30 mil ingressos e muitas outras empresas compraram lotes inteiros para presentear seus funcionários no Natal. Os Correios fizeram um carimbo comemorativo.

A CBF não permitiu que os jogadores jogassem com a camisa da seleção, porque a partida não foi considerada um jogo oficial. A seleção entrou em campo com os Tri-campeões Mundiais de 1970 mais Garrincha na ponta. O

time que entrou em campo foi: Felix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Garrincha, Jairzinho e Pelé. Que Time! Havia os desfalques de Gerson e Tostão.

Aos 30 minutos do segundo tempo o jogo foi interrompido para que Garrincha desse sua volta olímpica de despedida. Ao final, tirou suas chuteiras, meias, caneleiras e as jogou para a geral. A camisa foi guardada para dar de presente. A torcida gritou repetidamente seu nome e apenas de calção Mané foi para o vestiário. A renda do jogo foi de 1.383.121 cruzeiros, o equivalente hoje a 230 mil dólares, desses, 166 mil, após todos os descontos, chegaram às mãos de Garrincha. Mané comprou uma moradia para cada filha. O que sobrou serviu para que seu final de vida fosse mais digno.

Mané ainda atuou em muitos jogos de exibição pela equipe do Milionários, onde fez seu último jogo em 17 de setembro de 1982. Garrincha viria a falecer pouco mais de quatro meses após essa partida. A seleção canarinho tendo em campo Pelé e Garrincha nunca foi derrotada.

COPA AMÉRICA DE 1989 (16 de julho de 1989)



<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/em-89-selecao-se-aproximou-de-tacada-copa-america-ao-vencer-argentina>

Em 1989, fazia 40 anos que a seleção brasileira não conquistava um título da Copa América. Fazia também 40 anos que o Brasil havia sediado pela última vez a competição. Presságios de sorte apontariam para o sucesso da seleção, levando-se em conta que até o momento todas as vezes que fomos os anfitriões deste campeonato, levantamos o caneco. Porém, a caminhada foi bastante turbulenta desde o início. Na ocasião de sua estreia, na cidade de Salvador, a equipe não tinha o apoio da torcida por conta do corte do jogador Charles da última lista de convocados. Ele era o único jogador representante do estado da Bahia. Bandeiras foram queimadas, houve vaias durante o hino e, por fim, ovos foram jogados nos jogadores.

Até a última rodada da fase preliminar, a seleção ainda não havia conquistado a sua vaga para o quadrangular final. No dia 9 de julho, a seleção canarinho enfrentou o Paraguai. A partida que estava marcada para acontecer em Salvador, ocorreu no estádio do Arruda, em Recife. A vitória foi conquistada pelo placar de 2 a 0, com gols do atacante Bebeto. É interessante lembrarmos que este foi o primeiro jogo onde Bebeto e Romário fizeram dupla pela seleção principal.

A fase final foi um pouco menos difícil do que as partidas anteriores. Logo na primeira rodada o Brasil enfrentaria a temida seleção argentina de Maradona, campeã da Copa do Mundo de 1986 no México. Contando com um público de cerca de 130 mil pessoas, a vitória acontece com um gol de Bebeto e outro de Romário. A segunda partida do Brasil na fase final não trouxe surpresas, com um placar folgado de 3 a 0 sobre o Paraguai, com dois gols de Bebeto e 1 gol de Romário.

Apesar da competição não ter propriamente uma “partida final”, o último jogo teve o gosto de uma. Na última rodada, apenas Brasil e Uruguai tinham condições de conquistar o título. Por acaso, as duas equipes se enfrentariam numa partida no Maracanã. Para os supersticiosos, estes dados eram ainda mais tenebrosos, levando-se em conta que a partida ocorreu no dia 16 de julho, mesmo dia da final da Copa do Mundo de 1950, conhecida como Maracanazo.

Por sorte, habilidade ou predestinação, Romário, o “baixinho”, que tinha acabado de deixar o Vasco para jogar no PSV (Holanda), marca o único gol da “final”, aos 49 minutos (4 minutos do segundo tempo). Após tabelar com Bebeto, Mazinho cruza na medida para Romário fazer o gol.

Na imagem selecionada, podemos ver o capitão da seleção, o zagueiro Ricardo Gomes, levantar a taça com o Maracanã lotado ao fundo, com mais de 140 mil torcedores. Ademais, o elenco contava com os seguintes jogadores:

Taffarel, Mauro Galvão, Andre Cruz, Ricardo Gomes, Aldair, Mazinho, Branco, Geovani, Tita, Alemão, Valdo, Dunga, Silas, Romário e Baltazar, sendo comandado pelo Técnico Sebastião Lazaroni.

Uma curiosidade que vale destacar é que, 30 anos após esta conquista, a Copa América voltaria a ser disputada no Brasil. Por acaso o técnico Oscar Tabárez esteve novamente com o comando da seleção celeste, porém esta história nós veremos somente mais adiante.

A TRAGÉDIA DA ARQUIBANCADA (19 de julho de 1992)



<https://www.lance.com.br/brasileirao/anos-uma-tragedia-acontecia-final-brasileiro-maracana.html>

Em 1992, Flamengo e Botafogo realizavam a final do Campeonato Brasileiro, na primeira partida o Rubro Negro goleou por 3 a 0 o rival. No segundo jogo, segundo os números oficiais, havia 122 mil torcedores presentes. Porém, antes mesmo da partida começar, um infeliz imprevisto estragou a festa, inclusive, para um setor da mídia esportiva. Este desastre foi o pior fato ocorrido na história do Maracanã, até mesmo em relação ao Maracanazo. Faltando 30 minutos para o início da partida, dezenas de pessoas caem do anel superior. Num primeiro momento pensou-se que após uma confusão um torcedor havia disparado tiros para o alto causando o tumulto, mas na realidade o guarda-corpo da arquibancada despencou. O árbitro José Roberto Wright, após consultar o comando da PMERJ sobre a disponibilidade de policiais para o entorno do acidente, decidiu pela continuidade do evento. Décadas mais tarde, o mesmo confessou que esta seria a melhor opção para que o tumulto não piorasse a situação.

Em relação ao jogo, não houve grandes imprevistos. A partida terminou empatada com dois gols para cada lado, garantindo a taça para o time da Gávea. Mas há um fato curioso dessa história que vale à pena ser mencionado relativo ao conhecimento dos jogadores sobre o acidente: foi decidido entre as ambas as partes que aos jogadores dos dois clubes cariocas não seriam dadas maiores informações sobre a tragédia. Os jogadores relataram ter percebido uma movimentação diferente antes do início da partida, mas por conta da importância do jogo, nada mais foi mencionado.

Após o acidente, uma calorosa discussão sobre os responsáveis foi formada. Dirigentes esportivos, políticos, engenheiros e peritos passaram a disputar narrativas que

apontassem as causas e responsabilidades do acidente. Foi claro que não sobraram acusações sobre o ocorrido. O Instituto de Perícia Carlos Éboli apontou que os 12 metros de grade cederam por conta de falhas na instalação e na manutenção. Entre os graves problemas em relação aos parafusos encontrou-se corrosão, quantidade insuficiente e tamanho inferior ao ideal. O representante do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (CREA) concordou com a quebra de um parafuso que causou tudo, além de porcas faltando. Ademais, outro importante ponto diz respeito à superlotação do estádio. Apesar dos números oficiais com algo próximo de 122 mil, acredita-se que este tivesse sido subvalorizado e que a quantidade de torcedores seria cerca de 150 mil. Além disso, a quantidade de médicos e enfermeiros era insuficiente para atender a enorme quantidade de torcedores.

Matéria realizada pelo jornal O Globo na época apontou que a SUDERJ (Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro) estava ciente dos riscos desde o ano 1990, quando engenheiros da UFRJ (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) recomendaram interdição de parte do setor que despencou. Mas Reformas haviam sido feitas naquele ano por conta do jogo entre Flamengo e Corinthians, quando os torcedores sentiram as arquibancadas tremerem. Após isto, foram colocados pilaretes para escorar as arquibancadas. Vale ressaltar que um ano antes a FIFA havia reprovado o local por ocasião de uma avaliação de sede para a Copa do Mundo.

Os sinais de desgaste e reformas no Maracanã não eram exatamente uma novidade. No ano de 1979, a execução de projeto realizada por uma empresa privada havia constatado ausência de contraporcas e deficiência de drenagem. Em 1985 houve uma grande reforma com elevação

do piso e recuperação das marquises, mas apenas em 1986 haviam sido instaladas grades de alumínio substituindo as de ferro, que datavam ainda da época da construção do estádio. Mesmo assim, há quem acredite que os problemas estruturais do Maracanã sejam ainda mais antigos, mais especificamente da própria construção que demorou apenas 22 meses.

Após o nefasto acidente, o estádio ficou fechado por cerca de 7 meses. Os governantes pressionados gastaram alguns milhões de dólares em reformas e há quem acredite que este marco histórico do Maracanã represente uma linha divisória no conceito de segurança dos estádios. Não demoraria muitos anos para que novas perspectivas de “modernidade” chegassem até o Estádio Mário Filho. Padrões internacionais necessários para se receber grandes eventos logo seriam adotados.

Ademais, há algo interessante a ser mencionado. A cada data (des)comemorativa do acidente, diversos veículos midiáticos têm lembrado este trágico momento da história do Maracanã. Entrevistas com atores sociais, entre eles, jogadores que participaram da partida, torcedores que estiveram envolvidos no acidente e familiares de vítimas fatais mantêm viva a memória deste episódio do estádio.

CLASSIFICAÇÃO PARA COPA DO MUNDO DE 1994 (19 de julho de 1993)



SUDERJ

Em 1994, os Estados Unidos da América haviam sido escolhidos como sede para a Copa do Mundo. As classificatórias para este torneio sem dúvida contaram com diversas nuances que iremos contar neste capítulo. Antes de mais nada, vale lembrarmos que o Chile ainda estava suspenso por conta da “Farsa de Rojas”, que veremos mais à frente. Assim, o Torneio Eliminatório para a Copa do Mundo de 1994 contou com 9 grupos divididos em dois grupos com 4 e 5 equipes cada.

No grupo do Brasil havia 5 equipes: Bolívia, Uruguai, Equador e Venezuela. Até a última rodada do torneio a seleção canarinha ainda não havia conquistado sua vaga

para a Copa, mas antes de contarmos como que se sucedeu esta partida, é válido relembrarmos a grande polêmica que se passou durante o torneio, uma polêmica que atormentaria a seleção até a última partida.

Na primeira partida o Brasil empatou sem gols com o Equador e na segunda partida perdemos para a Bolívia por dois a zero. Na terceira partida goleamos a Venezuela por 5 a 1, sendo esta a segunda goleada que a equipe sofreu, também tendo perdido por 7 a 1 para a Bolívia. A seguir, empatamos em 1 a 1 com o Uruguai, vencemos o Equador por 2 a 0, goleamos a Bolívia por 6 a zero e novamente a Venezuela por 4 a 0.

Os resultados da primeira fase não foram suficientes e criaram uma narrativa de crise em volta do selecionado brasileiro. Torcedores e mídia questionavam a ausência de Romário no elenco. A dupla de ataque titular composta por Bebeto e Careca, além dos reservas Viola, Ronaldo e Muller, apesar de aplicarem placares largos em certos jogos, até a última rodada não haviam conquistado a vaga da seleção. O empate da Bolívia com o Equador garantiu a segunda vaga do grupo B aos bolivianos. Porém deixava Brasil e Uruguai numa situação delicada: quem vencesse a última partida garantia a primeira vaga para a Copa do Mundo. Vale lembrarmos que neste momento, o atacante reserva Muller e o Evair estavam machucados. Além disso, o Valdeir não havia jogado bem na última partida.

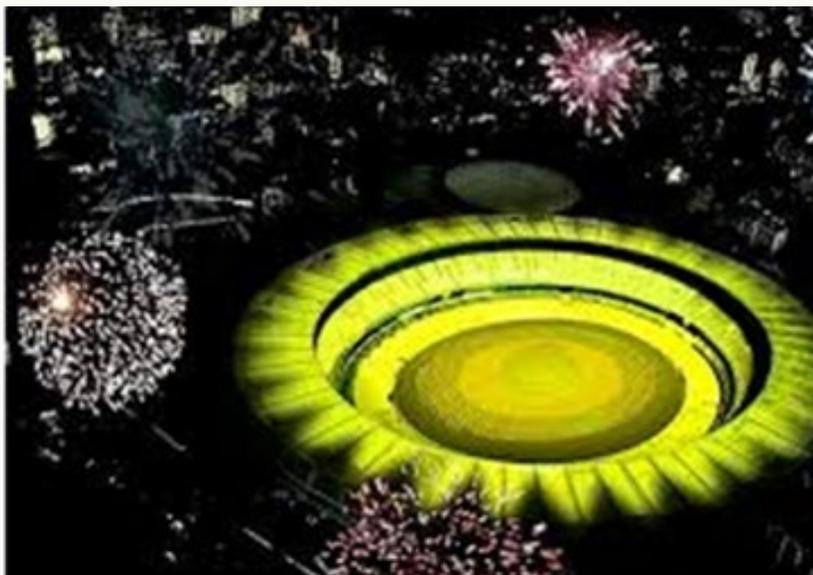
Parreira, técnico da seleção à época, conta que na realidade em nenhum momento houve crise alguma. Não passava de uma tentativa da mídia em polemizar a ausência do “baixinho”, porém, segundo o técnico esta era justificada por uma série de contusões. Quando chegou a hora de convocar o atacante para última rodada do torneio, não se tratou de “ceder à pressão da imprensa”, mas sim de entrar “na hora certa”.

Na foto acima, vemos Romário concretizando um dos dois gols feitos por ele em cima do Uruguai. Fator determi-

nante para a seleção brasileira conquistar sua vaga para a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos da América.

Bebeto, em entrevista concedida a posteriori, conta que Parreira o consultou antes de convocar Romário e relembra que a primeira vez que os dois jogadores fizeram dupla foi durante os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Enquanto jogadores profissionais, conforme já contato por nós (Cf. texto “Copa América 1989), fizeram dupla na polêmica primeira partida do torneio citado acima. O atacante ainda menciona que *“Parece que a gente nasceu jogando junto, rapaz (...) A gente tinha um entendimento muito fácil em campo. Fruto de uma amizade que começou quando a gente jogava por outras equipes. Ele no Vasco, e eu no Flamengo.*

JOGOS PAN-AMERICANOS DE 2007 (13 a 29 de julho de 2007)



<http://globoesporte.globo.com/PAN/Noticias/0,,MUL39378-3853,00.html>

Em 2001, em Santo Domingo (República Dominicana), a cidade do Rio de Janeiro à época governada pelo prefeito Cesar Maia, lança oficialmente sua candidatura durante a Assembleia Geral da Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA). No ano de 2002, na cidade do México, a organização escolheu optou pelo Rio de Janeiro como cidade-sede. Não podemos presumir que foi uma conquista fácil. Do outro lado, a cidade Estadunidense San Antonio (Texas) também concorria. Vale enfatizar que pelo menos desde 2000 o governo federal já havia dado apoio público quando se cogitou lançar a candidatura.

A escolha da cidade carioca empolgou diversos atores sociais. Fernando Henrique Cardoso (FHC), à época presidente do Brasil, comemora a escolha fazendo uma comparação da lógica esportiva em relação à política “No esporte é assim. Às vezes ganha em primeiro, em segundo e às vezes não ganha. Mas o importante é ter moral para voltar e competir. E nesse aspecto o esporte é bastante parecido com a política”. Carlos Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), considerou que o principal legado do Pan-2007 foi a consolidação da cidade do Rio como receptora de mega eventos esportivos, como por exemplo os Jogos Olímpicos (JO). Vale ressaltar que anteriormente a cidade já havia sido recusada pelo comitê avaliador para sediar os JO de 2004.

Os Jogos Pan-Americanos de 2007 não foram os primeiros desse gênero a serem sediados no Brasil. Em 1963, a cidade de São Paulo sediou a 4ª edição dos Jogos Pan-Americanos, que foi considerada modesta e lucrativa. A maior parte dos jogos ocorreu nas dependências dos clubes paulistanos. A única instalação a ser construída foi a vila dos atletas, dentro da USP, e a única fonte de renda se dava através da compra de ingressos. Vale destacar que

esta foi a melhor participação do Brasil nos quadros de medalhas, fato este que também se deve pela baixa adesão de atletas e países do exterior, 1 a cada 4 atletas era brasileiro e apenas 21 países participaram. A título de curiosidade, esta edição foi a única onde o polo aquático conquistou a medalha de ouro, Maria Esther Bueno conquistou uma medalha de ouro e a cerimônia de abertura no Estádio do Pacaembu contou com 40 mil pessoas.

Voltando para o Pan-2007, críticas não faltaram ao projeto. O geógrafo Gilmar Mascarenhas apontou muito bem ao denunciar o caráter mercadológico neoliberal que contrastava com interesses fundamentais à população carioca, como a remoção de comunidades de baixa renda; a construção de um novo estádio com dinheiro público (Engenhão); pouco investimento para o desenvolvimento esportivo local, sem contar o abandono do esporte educacional, projetos para o lazer etc.; e o desrespeito para com construções históricas como o estádio de remo da Lagoa (monumento construído em 1954) tombado pelo IPHAN (Mascarenhas 2007) e com o Autódromo Internacional do Rio de Janeiro, mutilado no seu setor sul para construção do Ginásio Esportivo e do Parque Aquático.

Ademais, vale salientar a mudança espacial da maior parte das instalações. Num primeiro momento planejava-se que estes ficassem concentrados no entorno da Ilha do Governador/ Ilha do Fundão (cidade universitária). Num segundo momento foram projetados para ocorrer de forma primordial na Barra da Tijuca, privilegiando assim interesses da especulação imobiliária. As exceções foram a “Zona Pão de Açúcar”, a “Zona Deodoro” e a “Zona Maracanã”, que destacamos.

Esta última foi sede da cerimônia de abertura e de encerramento, recebendo as competições de futebol, volei-

bol (Ginásio do Maracanzinho) e polo aquático (Parque Aquático Júlio Delamare).

No estádio do Maracanã foi marcante a vitória da seleção feminina de futebol em cima da seleção americana, com uma goleada de 5 x 0. A competição abriu os olhos do país para o futebol feminino e para a carreira do fenômeno Marta, que já tinha sido eleita em 2006 a melhor jogadora do mundo pela primeira vez.

COPA DAS CONFEDERAÇÕES - 2013



<http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/30-06-2013/brasil-espanha.html>

A Copa das Confederações foi um evento criado em 1992, realizado na Arábia Saudita. Na realidade seu primeiro nome era Copa Rei Fahd e ocorria de dois em dois anos (com exceção da segunda edição que ocorreu em

1995). O atual nome somente passou a ser utilizado a partir da edição de 1997 e, apenas em 2005, o evento passou a ser realizado no formato atual, ou seja, de quatro em quatro anos e antecedendo em um ano a Copa do Mundo. No formato atual, sob o comando da FIFA, a Copa das Confederações passou a servir como um evento-teste e avaliaria em diversos quesitos as condições para que os países recebessem a Copa do Mundo, tais como a infraestrutura das cidades receptoras, os estádios e a segurança da cidade.

Em 2006, o Brasil reivindicou junto a CONMEBOL o direito de sediar a Copa do Mundo de 2014, levando-se em conta que éramos o único país da América do Sul a se candidatar (após a desistência do Colômbia e da Argentina). A escolha não foi grande surpresa. Ainda assim, em 2007, por ocasião da oficialização da escolha do país em Zurique, o presidente Lula comemorou como se a seleção brasileira tivesse feito um gol numa final. Assim sendo, teríamos a oportunidade de também sediar a Copa das Confederações em 2013.

Apesar da seleção estar desacreditada pelo povo brasileiro e as críticas feitas em relação ao corte dos jogadores Ronaldinho Gaúcho (na época jogando pelo Atlético Mineiro) e Kaká (Real Madrid), o peso da camisa sempre conta. A seleção brasileira era a maior vencedora da competição, tendo, inclusive, ganho 3 vezes, sendo as duas últimas conquistas um bicampeonato em 2005 e 2009. Dentro dos gramados a seleção surpreendeu: na fase preliminar ganhou as 3 partidas que disputou contra o Japão, México e Itália, concretizando 9 gols e sofrendo apenas dois. Na semifinal os canarinhos enfrentam a seleção celestes, vencendo por 2 a 1.

A final do torneio seria decidida contra a Espanha, que venceu na outra semifinal a Itália numa decisão por pênal-

tis. A partida foi jogada no Maracanã, estádio lotado com mais de 70 mil pessoas. O Brasil não passou por grandes dificuldades, goleando o adversário com 3 gols. Na crônica publicada por Alexandre Alliatti, o “Brasil mostrou ao (ex?) melhor time do mundo que não é da noite para o dia que cinco estrelas vão parar no peito. Fred, destruidor, marcou duas vezes. Neymar, eleito o melhor em campo, fez o outro”.

Neste momento, a seleção, a mídia e os torcedores brasileiros eram só alegria dentro de campo e nas telinhas que passavam a partida. Ainda não se sabia a crise que logo viria assombrar a seleção. Aliás, crises somente são definidas depois de grandes tragédias, não é mesmo? Mas, esse assunto ver-se-á mais à frente.

Apesar do bom desempenho dentro de campo, este não se verificava fora dos estádios. Descendente de diversos movimentos políticos não eleitoreiros que germinavam na cidade do Rio desde 2011, como por exemplo o Ocupa Rio e as manifestações pelo direito ao passe livre para estudantes secundaristas, as manifestações ocorridas em 2013, conhecidas como “jornadas de junho”, realizavam diversas formas de participação política que demonstravam insatisfação com a política tradicional. Num primeiro momento foram realizadas passeatas. Em outros momentos, as estratégias aumentaram, ocupações foram feitas, desobediência civil e ações diretas foram utilizadas.

Os que aderiram às manifestações realizavam ocupações de espaços públicos como praças, praias e avenidas, onde discutiam o direito à cidade, em movimento opositor às políticas liberais de privatização e esvaziamento do espaço público. Vale ressaltar que este movimento não ocorria apenas no Brasil, mas em diversas localidades como o “Occupy Wall Street”, em Nova York, e “Los Indignados”, em Barcelona.

Por sua vez, os protestos pela gratuidade do transporte público para estudantes do ensino médio colocaram em destaque o Movimento Passe Livre (MPL), que existia desde 2005, e que passou a ter uma maior importância neste momento ao questionar os aumentos abusivos da passagem, relações espúrias entre governantes e empresas de transporte. Agora não era “apenas por 20 centavos”, exigia-se uma melhoria na qualidade do serviço público. O investimento em saúde e educação virou grito de guerra e exigiam-se escolas e hospitais “padrão FIFA”.

FINAL DA COPA DO MUNDO 2014 (13 de julho de 2014)



Sergio Moraes

Conforme explicitado no capítulo anterior, o Brasil havia ganhado o direito de sediar a Copa das Confederações em

2013 e a Copa do Mundo de 2014 no ano de 2007 em Zurique. O bom desempenho da seleção em 2013 vencendo os atuais campeões do Mundo trouxe um clima de euforia e excesso de confiança na seleção canarinha, Neymar, Oscar e Philippe Coutinho estavam em sua melhor fase e David Luiz era um monstro na zaga, diziam os analistas.

Apesar dos aspectos positivos no campo, no extra campo a situação não era igual. Se as manifestações conhecidas como Jornadas de Junho em 2013 haviam tido num primeiro momento um caráter popular, marcadamente organizado por movimentos sociais, partidos de esquerda e grupos políticos autônomos. Num segundo momento, a mídia mudou o tom em relação aos atos, os que antes eram estereotipados como “vândalos e baderneiros” agora eram vistos como cidadãos reivindicando seus direitos. A troca do discurso narrativo por parte da mídia e a cooptação do movimento por partidos de direita mudaram totalmente o panorama das passeatas. O perfil dos manifestantes mudou. Uma pesquisa realizada pelo IBOPE demonstrou que nas maiores passeatas dos grandes centros urbanos do país, a maioria era de classe média, que nunca tinha ido a manifestações. Logo a mudança de perfil é clara. As pautas também mudaram. Reinvidicações concretas foram substituídas por palavras de ordem “vazias” como “todos contra a corrupção”, ora, alguém conhece alguém que seja a favor?

Voltando ao campo de jogo, o Brasil não decepcionou nas primeiras partidas da fase de grupos, ganhou por 3 a 1 da Croácia na Arena Corinthians; empatou com o México em Fortaleza e goleou o Camarões por 4 a 1 em Brasília. No “mata-mata”, ganhou do Chile no Mineirão, na disputa de pênaltis, para acelerar o coração da nação e venceu por 2 a 1 a Colômbia em Fortaleza, na trágica partida onde Neymar se contundiu. O Brasil, portanto, entra

em campo contra a Alemanha sem o atacante e, também, desfalcado do zagueiro-capitão Thiago Silva, pelo acúmulo de cartões. Apesar das importantes ausências, esperava-se que o jogo fosse equilibrado. Ambas as equipes são tradicionais. Brasil e Alemanha possuíam respectivamente 5 e 3 títulos de Copa do Mundo, e o sonho do hexa ainda estava vivo.

A seleção alemã abre o placar logo no início da partida. Aos 11 minutos Muller faz o primeiro gol. O problema começou de fato aos 23 minutos, quando Klose faz o segundo gol e “abre a porteira”. A partir de então em 6 minutos o Brasil subitamente leva mais 3 gols. O primeiro tempo acaba com o largo placar de 5 a 0 para a Alemanha, com a sensação de que estes tinham pisado com o pé no freio para que a goleada não fosse ainda maior. No segundo tempo o jogo foi morno: a Alemanha tendo controle total da partida ainda faz mais 2 gols e Oscar aos 90 minutos realiza o gol de honra. O jogo ficou marcado pela frase histórica do zagueiro e capitão da equipe David Luiz, que desabafou: “eu só queria poder dar uma alegria para o povo”. A derrota no Mineirão fez com que os cariocas perdessem sua única oportunidade de assistir à seleção canarina jogar. Por conta do chaveamento, sabia-se que o único possível jogo da seleção brasileira no Maracanã somente ocorreria caso chegássemos na final. Este lugar foi ocupado pela seleção alemã, que jogaria a final contra a Argentina.

Na final, a cidade do Rio ficou tomada pelos Hermanos. Viam-se argentinos nas praias, nos bares, shoppings, enfim, por todo lugar. Ambas as equipes até aquele momento estavam invictas. É interessante lembrarmos que esta seria a terceira vez que Alemanha e Argentina se enfrentariam numa final. A primeira em 1986, quando os

Hermanos levaram a melhor, e a segunda em 1990, quando os alemães venceram. A partida final não contou com tantos lances quanto na semifinal. Na realidade, houve apenas 1 gol, realizado pelo time da Alemanha já nas prorrogações. A partida realizada no Maracanã, que, aliás estava lotado com mais de 70 mil torcedores, ficou imortalizada na foto de Messi olhando de forma desolada para a Taça da Copa do Mundo.

É interessante notarmos como crises surgem após grandes tragédias. Após a conquista da Copa do Mundo pela seleção alemã, de forma evidente foram exaltados seus métodos. A descontração da equipe durante toda sua estadia, que optou uma pequena cidade da Bahia invés dos grandes centros urbanos. Os jogadores quando não estavam realizando treinos, podiam ir à praia, recebiam visitas dos moradores da pacata cidade, ou até mesmo da nação indígena Pataxó.

Diferenças entre a seleção alemã e a brasileira foram evocadas, investimento nas equipes de base, construção de Centro de Treinamentos para equipes de diversas divisões, orçamentos sustentáveis. Enfim, foi realizada longa lista das diferenças da realidade futebolística entre ambos os países. É engraçado notar que aqueles que realizavam análises prognósticas o faziam a partir de visões eurocêntricas. Aspectos particulares do futebol brasileiro já não são mencionados. O futebol “joga bonito” estudado por tantos antropólogos como Roberto DaMatta e José Sérgio Leite Lopes tem dado lugar ao desejo pelo futebol “força” ou “científico” de países europeus, como da Alemanha. Nildo Ouriques percebeu devidamente há algumas décadas o que ele chamou de “modernização conservadora do futebol nacional”.

COPA AMÉRICA 2019 (Final: 7 de julho de 2019)



Fonte: Sérgio Moraes

Trinta anos depois de o Brasil sediar uma Copa América e o nosso time ser campeão, a Seleção Brasileira conquistou, mais uma vez, o título da competição de futebol mais antiga do planeta em casa. A competição acontece desde 1910, quando houve um evento teste e oficialmente desde 1916. Neste período o campeonato ainda era chamado de Campeonato Sul-Americano de Seleções. Somente em 1967 o campeonato, foi batizado de Copa América e em 1975 recebeu o nome que carrega até hoje: CONMEBOL Copa América.

Com 45 edições realizadas, o maior campeão da competição ainda é o Uruguai com quinze títulos, seguido da Argentina com quatorze e do Brasil em terceiro com nove. Uma estatística que não corrobora o imaginário social da

Seleção Brasileira como o melhor time, não só do continente, mas do planeta, com uma quantidade de títulos em Copas do Mundo que nenhum país vizinho tem.

Podemos apontar este imaginário com a representação social que o futebol e a Seleção Brasileira possuem na construção da identidade nacional e, conseqüentemente, expectativa popular sempre que uma competição se aproxima. Segundo A.V do Cabo, Gastaldo e Helal (2016), este fato se relaciona àquilo que concebemos em nossa cultura como tipicamente brasileiro. De acordo com os autores pode-se dizer que isso é:

o resultado de um regime de representações sociais que tem na ação concatenada dos meios de comunicação de massa um de seus principais potencializadores. Mais especificamente, a representação do Brasil como o “país do futebol” é o resultado de quase um século de ação discursiva sobre a ideia de que aquele time de futebol não apenas “simboliza” o povo brasileiro, mas de que aquele time é o povo brasileiro, “a pátria em calções e chuteiras”, na expressão de Nelson Rodrigues (Ibidem, 2016. p.2).

Em 2019, mantendo a escrita de vitórias em casa, o Brasil foi campeão, dando continuidade a uma estatística de 100% de aproveitamento sempre que sedia o evento. Aliás, curiosamente, até 1989, o Brasil nunca tinha vencido uma Copa América fora de casa, fato que aconteceu pela primeira vez em 1997, na Copa América da Bolívia, com uma vitória por 3 x 1 sobre os anfitriões. Tão lembrada quanto a vitória nesta competição, é a frase do técnico Zagallo: “Vocês vão ter que me engolir!” – uma resposta às críticas que vinha sofrendo. Depois da Bolívia em 1997, o Brasil ainda foi campeão fora de casa em 1999 no Paraguai, em 2004 no Peru e em 2007 na Venezuela.

A Copa América de 2019 apresenta algumas relações com a Copa de 1989, não só pelo final feliz, ou porque a competição foi em casa com a final no Maracanã, mas porque nos dois momentos a seleção vinha de derrotas nas Copas do Mundo de 1986 e 2018, o que gerava, apesar da crença e imaginário popular, uma desconfiança. Além disso, em 1989 jogadores importantes não participaram da competição, como o atacante e ídolo, Careca, e em 2019 o Neymar.

Pode-se citar ainda que nas duas competições, nos jogos contra os “hermanos”, a seleção da Argentina tinha o melhor jogador do mundo em campo com Maradona (1989) e Lionel Messi (2019). Em 1989, o jogo foi pelo quadrangular final e em 2019 foi a semifinal. Com vitórias expressivas pelo mesmo placar de 2x0, o Brasil foi à final nos dois casos, e com gols que entraram para a história, como o voleio de Bebeto em 1989 e a jogada do primeiro gol em 2019 com direito à “caneta” de Firmino e o “lençol” de Daniel Alves.

Na final de 1989, o time brasileiro venceu o Uruguai por um 1x0, e em 2019 venceu o Peru por 3x1.

JOGOS DA PRIMAVERA, OS JOGOS FEMININOS (Setembro de 1964)



Com o objetivo de promover a participação feminina no esporte, os Jogos da Primavera ou Olimpíadas Femininas, como também ficaram conhecidos, aconteciam sempre em setembro por iniciativa do Jornal dos Sports e seu idealizador, Mario Filho. A importância do evento se fazia ver na presença de figuras ilustres como a do Presidente Getúlio Vargas na cerimônia de encerramento do evento de 1952, que aconteceu no Estádio das Laranjeiras do Fluminense Football Club, inclusive com extinção da chama simbólica como acontece em Jogos Olímpicos.

Os Jogos da Primavera aconteceram de 1949 até 1972 e além do estádio das Laranjeiras, também teve o Maracanã como palco.

Estes Jogos marcaram um processo de transformação da participação feminina na sociedade, ainda que com características do pensamento machista. Este processo aconteceu principalmente na primeira metade do século XX, e se apresentou, também, através do estímulo à participação feminina nos esportes como consequência de um pensamento higienista e eugênico, que orientava a medicina e a sociedade brasileira. Desta forma acreditava-se que a participação feminina em atividades físicas tornaria as mulheres mais aptas à procriação, devido ao fortalecimento corporal que a atividade física é capaz de promover, donde se conclui que a percepção da participação social da mulher ainda era maternal e doméstica (Mourão, 2000).

Mesmo com tal característica, perceptível através de uma análise mais atual, seria anacrônico analisar o evento somente por esse prisma, dado que tendo em vista as condições sociais da época, para a mulher este evento se apresenta, sem dúvida, como parte de um processo de emancipação, sobretudo no esporte. Evidências encontradas por Mourão (2000) apontam para liberação crescente da prática esportiva feminina com;

maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restrições à prática de modalidades esportivas consideradas masculinas, diminuição do controle da família e do contexto micro social sobre a escolha esportiva. Por outro lado, resistem mais firmemente as representações sociais nucleares: o espaço esportivo continua sendo concebido como típico do homem, que domina a cena esportiva em termos de cargos, honrarias, prestígio na mídia, patrocínio e retorno financeiro (Ibidem, 2000. p.5).

Percebe-se com isso, ainda que de maneira embrionária a transformação do espaço esportivo no Brasil, ainda tido como um espaço de reserva masculino com a participação feminina se iniciando adjetivada por signos como; graça, doçura e beleza, e não força, virilidade e velocidade, como com os homens. Isso comprova a reserva deste espaço que tendia e ainda tende, porém em menor escala, a refletir expectativas sociais estereotipadas (Devide, 2005).

FINAL DO PRIMEIRO BRASILEIRÃO (19 de dezembro de 1971)



Somente três coisas param no ar; Beija-flor, Helicóptero e Dadá. Dadá Maravilha.

A frase imortalizada pelo primeiro artilheiro do primeiro Campeonato Brasileiro, o “Dadá Maravilha”, ídolo do Atlético-MG, e que se referia a sua habilidade para fazer gols de bicicleta, até hoje é bordão entre diversos comentaristas. Entre estes e muitos torcedores, também é comum a polêmica sobre quando esse campeonato começou e quantos títulos cada time têm desde que a CBF passou a reconhecer outras competições precedentes como a Taça Brasil e a Taça de Prata, antigo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, conhecido popularmente como “Taça Robertão”.

O Campeonato Brasileiro surgiu em 1971, dado o sucesso da Taça de Prata, mas tardiamente, também, devido a resistências das oligarquias esportivas regionais do país. A primeira edição contou com 20 clubes e foi organizada pela Confederação Brasileira de Desporto (CBD) até 1987. O formato do campeonato variou diversas vezes, chegando a alcançar em 1979 a enorme quantidade de 94 times disputando o título. Tal inconstância de regulamento reflete entre outras coisas as questões políticas, econômicas e o impacto da globalização no país, podendo, também, ser interpretado como parte de um processo de modernização esportiva (Ferreira, 2018).

O surgimento desta competição aponta, também, para o cada vez maior, envolvimento do estado nos esportes, utilizando este como meio de propaganda para disseminação de um ufanismo nacionalista, fato que vai ao encontro da ideia promovida pelo Governo Militar de Brasil Grande. A utilização da conquista do tricampeonato em 1970 é o maior exemplo desse processo. Além disso, pode-se citar também como influência para organização deste campeonato, o crescimento da imprensa no país, que aproveitou o momento econômico e se expandiu com diversas publicações que alcançavam nichos de mercado até então carentes, como o esportivo (Ibidem, 2018).

A final do campeonato nacional de futebol de 1971 entre Botafogo e Atlético-MG, no Maracanã, fazia parte de um triangular final que, além dessas duas equipes, tinha o São Paulo. No cruzamento entre elas, o Atlético-MG saiu invicto garantindo o título no último jogo contra o time carioca com o gol de Dario, o “Dadá Maravilha”, aos 16 minutos do segundo tempo. O São Paulo ficou com o segundo lugar e o Botafogo-RJ com o terceiro. Dadá sagrou-se artilheiro com 15 gols.

VASCO, O PRIMEIRO TIME CARIOCA CAMPEÃO DO BRASILEIRÃO. (1 de agosto de 1974)



Em 1974 estava escrito em algum lugar por linhas tortas que a final haveria de ser no maior estádio do mundo, e o número da sorte para isso era o 59, dezena do jacaré no jogo do bicho, mas que nesse ano estava mais para bacalhau. O número, na realidade, é referente ao artigo do regulamento da CBD que permitiu ao Vasco transferir o mando de campo do Mineirão para o Maracanã. O episódio que permitiu isso tem tudo a ver com o contexto político esportivo da época, eivado de personalismo e troca de favores políticos para manutenção de posições e distinção social, que se traduzem no futebol numa cartolagem que não raro invade campos para pressionar e atacar juízes, auxiliares e adversários.

O contexto desta história inicia-se com a ideia de integração nacional promovida pelo Governo Militar e que o Campeonato Brasileiro, através da CBD, acabou assumindo após apoio financeiro com subsídios para hospedagens e passagens aéreas realizadas através da criação da loteria federal, que logo se tornou uma febre. Essa integração logo alcançou a política, com a inclusão de clubes apadrinhados, fato que era possível através do sistema de participação na competição através de convites, instituído pelo presidente da CBD, João Havelange, no último seu último ano de gestão (Ferreira, 2018).

No projeto do Campeonato Brasileiro, Havelange desempenharia papel destacado na associação, reforço e influência dos interesses militares pelos meandros e entrelaçamentos da política com o futebol, e da capilaridade que este possuía. Isso se refletiu, objetivamente, pelo aumento de clubes nas edições subsequentes do Campeonato Brasileiro, entre 1971-1975. (...) Parece razoável imaginar que tais capitais acumulados seriam revertidos para sua própria candidatura, para entidade máxima do futebol internacional, nas eleições de 1974 (Ibidem, 2018. p.91/92)

Com esse contexto político, o campeonato de 1974 teve a participação de 40 clubes com uma organização inicial em dois grupos de vinte, até se alcançar o quadrangular final que, além do time Cruz Maltino, tido como azarão, tinha o Santos de Pelé, em seu último ano pelo clube; o Cruzeiro, apontado como favorito, e o Internacional de Porto Alegre.

Com uma vitória sobre o Santos com gol de Roberto Dinamite, artilheiro da competição com 16 gols, a quatro minutos do fim, e um empate com o Cruzeiro e o Internacional, o Gigante da Colina e o time mineiro empataram no quadrangular devendo uma partida extra ser realizada para determinar o campeão. A partida seria realizada no Mineirão, pois o Cruzeiro tinha melhor campanha. Mas como no primeiro jogo do Vasco contra o Cruzeiro houve uma invasão de campo pelo dirigente mineiro, Carmine Furletti, e do técnico Hilton Chaves contra o árbitro da partida, Sebastião Rufino, o Vasco alegou falta de segurança no estádio adversário e conseguiu a transferência do jogo para o Maracanã, inclusive com aceite do Cruzeiro, antes mesmo do fato ir a julgamento. Na partida final, sob os olhares de 112 mil testemunhas, o Vasco se tornaria o primeiro time Carioca Campeão Brasileiro no Maracanã após vencer por 2x1.

A INVASÃO CORINTHIANA (12 de maio de 1976)



Onde a ARENA vai mal, um time no nacional.

A frase cunhada popularmente no ano de 1975 resumia os rumos que a CBD empregava ao Campeonato Brasileiro já que, aparelhada pelo Governo Militar, utilizava a competição como ferramenta para alcançar seus objetivos de integração nacional e minimizar a redução de popularidade do governo, que em 1974 havia sofrido derrotas nas eleições indiretas, quando o MDB, partido opositor, alcançou votação expressiva. O novo presidente da CBD era o Almirante Heleno Nunes, que cumpriria com afinco as intenções do governo no futebol ampliando a quantidade de clubes na competição. Para isso, em 1975 foram discutidos novos formatos para o torneio, que em 1976 contaria com 54 clubes, sobretudo, com intensificação da quantidade de times do interior, fato que estava de acordo com a ideia de integração nacional (Ferreira, 2018).

A campanha do Corinthians no torneio retrata essas questões, pois para chegar na terceira fase da competição enfrentou times com pouca expressão como o Nacional do Amazonas, na primeira fase e o Operário da Paraíba na segunda. Na terceira fase, no grupo Q, o Timão viajou de norte a sul do país para enfrentar o Internacional e o Santa Cruz, sua última partida nesta fase.

A evolução do time na competição, inicialmente com resultados fracos, aos poucos, foi conquistando o torcedor corintiano que havia 22 anos não comemorava um título. O último havia sido conquistado em 1954 com o Campeonato Paulista, e em competições recentes, aumentando ainda mais a sensação de jejum, o time havia perdido para o Botafogo-RJ na fase final do Brasileiro de 1971 e na final do Paulista de 1974 para o Palmeiras, um arquirrival (Plínio, 2010).

No Brasileiro de 1976, a campanha conquistou, inclusive, a imprensa que começou a dar destaque para o time, envolvendo os torcedores que organizaram uma caravana até Recife para empurrar o time contra o Santa Cruz. Após a Vitória, a segunda caravana não precisaria ir tão longe e, com o time na fase final, havia motivos de sobra para ir ao Rio de Janeiro assistir ao jogo contra o Fluminense no Maracanã, válido pela fase final do torneio (Ibidem, 2010).

Ninguém poderia imaginar que 50 mil torcedores do Corinthians chegassem de todo jeito: ônibus, carro, e até bicicleta, ao Rio de Janeiro para assistir à partida contra o Fluminense (Ibidem, 2010). No Maracanã o espetáculo da torcida foi um caso à parte, mais interessante que o jogo, inclusive, que terminou num magro empate de 1x1 no tempo regulamentar. Nos pênaltis, vitória dos paulistas por 4x1 foi o delírio dos invasores. Entretanto, na final contra o Internacional, uma derrota faria perdurar o jejum de

títulos até o ano seguinte, quando conquistou o Campeonato Paulista.

A INESPERADA FINAL DO BRASILEIRÃO DE 1985 (31 de julho de 1985)

O ano das zebras no Campeonato Brasileiro não poderia terminar de maneira diferente do que foi, com uma inesperada final entre dois times nem tão tradicionais assim. Um ano que seria inesquecível, não somente por essa final no Maracanã ou pelo Rock n' Rio com uma multidão lotando a Cidade do Rock na zona oeste do Rio.

Mas sim, porque 1985 seria o ano do fim do regime militar, que por 21 anos controlou o país com mãos de ferro e havia cinco, desde 1980, negociava a tão esperada abertura política. Os efeitos desse processo, inevitavelmente, seriam sentidos no esporte, principalmente no futebol, a começar por transformações como o fim da CBD e criação da CBF por uma exigência da FIFA em 1979, mas que também, revelava os desejos de modernização esportiva no futebol nacional, que ainda mantinha alguns padrões de sustentação de poder político da antiga CBD. O novo presidente da nova entidade até 1985 seria Giullite Coutinho, já indicado à presidência do Conselho Nacional de Desportos pelo Presidente Figueiredo. Elogiado por veículos de imprensa como a Revista Placar, sua principal proposta era a redução da quantidade de times participantes na competição e atualização administrativa (Ferreira, 2018).

Contudo, como o número de times participantes da competição não baixou dos 40 e as variações na forma da competição e organização do campeonato variavam sempre, os clubes estavam insatisfeitos. A situação era agravada ainda mais pela situação política do país, que vivia a tensão da reabertura aliada às crises econômicas que ajudavam ainda mais a esvaziar estádios e aumentar a tensão entre os clubes, desejosos de maior protagonismo nas decisões relativas aos rumos da competição e à CBF. O Campeonato Brasileiro de 1985 seria o penúltimo sob o comando da CBF, já que a partir de 1987 seria organizado pelo Clube dos 13 (Ibidem, 2018).

Com quase 100 mil torcedores no Maracanã, a festa que foi a final não poderia ter sido mais democrática. Ela apresentava dois times que ninguém apostava que alcançariam aquele jogo final que reuniria torcedores de diversos clubes cariocas para apoiar o Bangu e que teve como campeão um time que levou para o seu estado o primeiro título da competição.

Com um empate em 1x1 no tempo regulamentar o jogo foi aos pênaltis. A valentia do “Coxa” foi grande, pois além do Bangu do craque Marinho, enfrentou a maioria dos torcedores no estádio. Para aqueles que viveram o momento, o clima de euforia foi o maior problema do Bangu, pois se deixou levar pela ilusão do “já ganhou” durante a semana da partida. Nos pênaltis, somente na segunda série de cobranças com batidas alternadas é que a partida foi se decidir, para o silêncio do estádio e euforia dos curitibanos.

A FARSA DE ROJAS (3 de setembro de 1989)



Para chegar na Copa do Mundo de 1990, a seleção brasileira precisava primeiro passar pelas eliminatórias, que eram organizadas em um sistema de grupos com as partidas acontecendo na segunda metade do ano anterior à Copa, ou seja, no segundo semestre de 1989. Esse formato das eliminatórias na América do Sul dividiu os países em disputa em três grupos, em que os dois melhores líderes desses grupos garantiam a vaga na Copa e o terceiro seguiria para um play-off contra a seleção de Israel. A Argentina já tinha sua vaga garantida na Copa, pois havia sido campeã em 1986.

Com isso ficava claro que a seleção que quisesse participar da Copa deveria terminar as eliminatórias como líder do seu grupo. Para o Brasil, além dessa pressão havia a escrita do país ser o único a ter participado de todas as Copas, como ainda é, e o fato de não ter vencido uma Copa desde o tri em 1970, com o agravante da derrota em

1982 com um time que encantou o mundo e a derrota nos pênaltis para a França em 1986.

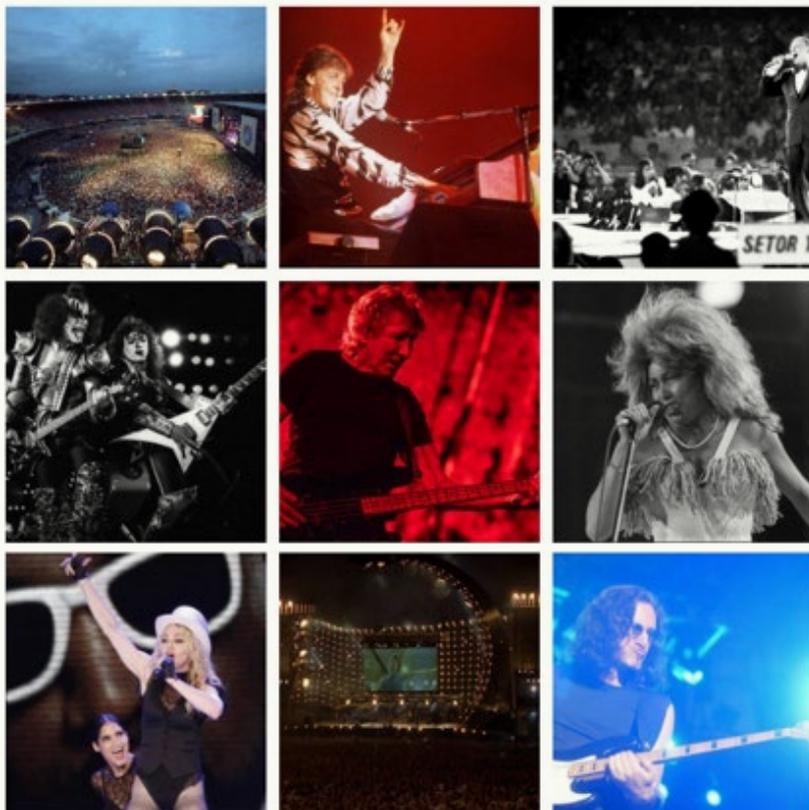
O clima para a Copa não era o melhor. O técnico Sebastião Lazaroni não gozava de muita popularidade e a seleção estava longe daquilo que o brasileiro se acostumou a ver e construiu como imaginário de desempenho, sob a denominação de “futebol arte”. Nada menos esperado para um país que, nas palavras de Nelson Rodrigues, pode ser chamado de “a pátria de chuteiras”, uma condição que revela a íntima relação entre a cultura nacional e a representação social desta. Hoje em dia, é impossível descrever o que significa “ser brasileiro” sem fazer menção a fatos do mundo do futebol, como a participação popular nas Copas do Mundo, o pertencimento clubístico e o vasto sistema de alianças e restrições que ele promove (Do Cabo, Gastaldo e Helal, 2016. p.3).

A partida entre o Brasil e o Chile no dia três de setembro de 1989 passou a ser muito esperada, além destas questões - tácitas para a maioria dos brasileiros - por ser decisiva, ou seja, o vencedor garantiria sua vaga na Copa. A pressão sobre os dois times era grande e como que um “Plano B”, o goleiro chileno resolveu planejar uma artimanha caso sua seleção não estivesse logrando êxito, para tentar impugnar a partida desclassificando o Brasil e classificando o Chile em uma decisão que se baseava em regulamentos e seria julgada fora das quatro linhas.

Com uma lâmina presa à sua luva, o goleiro Rojas aproveitou momento que um foguete caiu próximo dele, se cortou e começou a simular muita dor. Seus companheiros foram acudi-lo e em consequência da confusão que se criou saíram de campo e não voltaram mais, tendo o juiz que encerrar a partida. O foguete atirado foi uma coincidência que a torcedora Rosenery Mello causou pela sua inabilidade em lidar com fogos de artifício. Em consequência, ela ficou conhecida como a “Fogueteira do Maracanã”.

A farsa foi descoberta pelas lentes do fotógrafo argentino Ricardo Alfieri, que comprovavam a impossibilidade de o foguete ter atingido o goleiro. Rojas foi banido do futebol pela FIFA, voltando a atuar como treinador de goleiros, doze anos depois no São Paulo, depois do perdão concedido em 2001. O Chile levou uma punição de quatro anos e pôde, apenas, disputar competições internacionais depois da Copa de 1994.

EVENTOS CULTURAIS NO MARACANÃ



O Maracanã foi um importante espaço público para práticas de lazer. Mesmo antes da construção do estádio, ali, nas margens do que hoje chamamos de Avenida Radial Oeste, ficava o antigo Derby Club, respeitável clube de corridas de cavalo, que outrora fora o mais importante esporte da cidade do Rio de Janeiro. O futebol passa a ter um importante papel ao lado do remo, na década de 1910. Enquanto as principais competições de remo ocorriam no pavilhão de regatas na Praia de Botafogo, os principais jogos de futebol ocorriam no estádio das Laranjeiras, existente até hoje na sede do Fluminense Football Club. Em pouco tempo, a cidade capital da república passaria a contar com inúmeros clubes por toda a cidade, inclusive nos arrabaldes. Com a conquista dos títulos de campeão Sul-Americano em 1919 e do Torneio dos Jogos Olímpicos do centenário em 1922 e com a profissionalização do futebol na década de 1930, passou-se a ter a necessidade de um estádio que conglomerasse as massas, em um grande espaço público, popular e democrático. Assim, a partir da luta de importantes atores sociais é construído o Estádio Maracanã, que não muito tempo depois passaria a levar o nome de um de seus principais incentivadores, o dono do Jornal dos Sports, Mário Filho.

O estádio foi construído com o objetivo de ser a casa do povo na Copa do Mundo de 1950, que infelizmente, para nós brasileiros viria a ser o local da tragédia do Maracanaço. Com o decorrer dos anos, o estádio deixou de ser apenas um espaço para partidas de futebol, mas abrigou também diversas outras práticas culturais esportivas, destacamos os Jogos da Primavera e o Grande Desafio de Vôlei (1983), contra a equipe campeã olímpica e bicampeã mundial da União Soviética. A partida contou com um público de quase 100 mil pessoas. O Maracanã também contou com outras práticas não esportivas como, por

exemplo, as práticas religiosas com a recepção duas vezes do Papa João Paulo II (1980 e 1997). Ademais, houve inúmeras práticas culturais ligadas à música. Uma série de shows históricos foram sediados no campo de jogo. A começar pelo memorável show de Frank Sinatra em 1980, o famoso cantor de sucesso internacional apresentou-se para cerca de 170 mil pessoas, uma das maiores audiências presenciais já reunidas no planeta até aquela data. A “mega orquestra” que acompanhava “the voice” (a voz) contava com cerca de 40 músicos. Além dos clássicos cantados pelo musicista, o dia ficou marcado pela tragicômica aparição do “beijeiro”, personagem folclórico da cultura popular carioca.

A banda Kiss (1983) tenha talvez quebrado o maior recorde de toda história do estádio: cerca de 250 mil pessoas assistiram ao show da banda. Este não apenas foi o maior recorde do Maraca, como também o maior recorde da própria banda. Em 1988 é a vez de Tina Turner, a cantora ganhou o prêmio do Guinness Book, o livro dos recordes, por ter o maior público por uma cantora solo, com cerca de 188 mil pessoas. É interessante lembrarmos que este show foi transmitido ao vivo para o mundo inteiro. Apenas dois anos depois é a vez do ex-Beatle Paul McCartney lotar o Maracanã com 184 mil pessoas. O evento foi transmitido pela Rede Globo. O cantor anunciou a parceria/patrocínio com o grupo “Amigos da Terra” e convocou para que todos os cidadãos pressionem e votem em políticos alinhados com um “mundo limpo”, sob uma “chuva” de aplausos Paul realiza o seu “grito de guerra” em português “SALVEM O PLANETA”, para logo após, cantar os clássicos dos Beatles incluindo “Hey Jude”, verdadeiro hino da juventude dos anos de 1970.

Em 1991, é a vez do estádio receber um dos maiores festivais do mundo, trata-se do Rock In Rio (2ª edição). Até então esta foi a única vez que o festival aconteceu fora da Cidade do Rock. O evento reuniu mais de 700 mil pessoas em 9 dias. Bandas como Guns N' Roses; Prince; Billy Idol; Judas Priest; George Michael; A-Ha; entre outros. Numa época que não havia internet e os canais de TV pagos ainda não existiam, os shows foram transmitidos para mais de 580 milhões de pessoas em todo mundo, com transmissão em 55 países.

Já na década de 2000, novos shows acontecem, porém, agora com públicos muito menores. Após reformas que “modernizariam o estádio”, as diversas aparições após a década de 1990 diminuiriam o público presente tanto em jogos de futebol como também em outras práticas culturais. No show da Madona em 2008, o público foi cerca de 70 mil pessoas. A cantora fez seu show debaixo de forte chuva, porém, o público não desanimou por conta disso. Num episódio mais recente, Roger Waters, ex-Pink Floyd, fez seu show com diversas polêmicas políticas, em 2018.

REFERÊNCIAS:

RIBEIRO Flávio. HÁ EXATOS 70 ANOS, O MARACANÃ ERA INAUGURADO: Entenda como o estádio transformou o Rio de Janeiro em destino internacional. Aventuras na História, 2016.16/06/2016: : <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/historia-inauguracao-construcao-do-maracana.phtml> acesso em 08/10/2020

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE. Sebastião Josué. Estádio do Maracanã 1950-2010 na memória de torcedores. Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1017-1038, jul./set. de 2014.

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE. Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby. Rev Bras Ciênc Esporte. 2015;37(3):258-264.

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE. TELLES, Silvio de Cassio Costa Sebastião Josué. Maracanã stadium: place of carioca sport, Motriz, Rio Claro, v.24, Issue 4, 2018

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE Sebastião Josué. TELLES, Silvio de Cassio Costa. DEVIDE . Fabiano Pries. Estádio do Maracanã: percepções a partir da reestruturação arquitetônica de 2010. Rev Bras Ciênc Esporte. 2018

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. TELLES, Silvio de Cassio Costa. VOTRE Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: um estudo comparativo entre as representações sociais dos torcedores sobre o antigo e o novo lugar do futebol. Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 353-366, abr./jun. de 2018

MORAES NETO, Geneton. Dossiê 50: Os Onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2000.

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE. Sebastião Josué. Estádio do Maracanã 1950-2010 na memória de torcedores. Movimento, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1017-1038, jul./set. de 2014.

TAVARES. Ana Beatriz Correia de Oliveira. VOTRE. Sebastião Josué. Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby. Rev Bras Ciênc Esporte. 2015;37(3):258-264.

CASTRO Ruy. Estrela Solitária - Um Brasileiro Chamado Garrincha. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

O Globo- <https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/copa/america-2019/em-89-selecao-se-aproximou-de-tacada-copa-america-ao-vencer-argentina> – (acesso em 08/06/2020).

ESPN- http://www.espn.com.br/noticia/573821_parceiro-do-tetra-bebeto-revela-parreira-me-consultou-antes-de-convocar-romario-em-93- (acesso em: 09/10/2020)

Lance! - <https://www.lance.com.br/brasileirao/anos-uma-tragedia-a-contecia-final-brasileiro-maracana.html> - (acesso em 08/06/2020)

SportTv- <https://sportv.globo.com/site/programas/bem-amigos/noticia/parreira-diz-que-chamou-romario-para-selecao-na-hora-certa-nao-foi-pressao.ghtml> -(acesso em: 09/10/2020).

ESPN- http://www.espn.com.br/noticia/573821_parceiro-do-tetra-bebeto-revela-parreira-me-consultou-antes-de-convocar-romario-em-93 - (acesso em: 09/10/2020).

Diário Online – <https://www.dgabc.com.br/Noticia/377156/fhc-comemora-conquista-do-rio-como-sede-do-pan> -(acesso em: 09/10/2020).

Brasil - <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/44102-cesar-maia-quer-jogos-panamericanos-no-rio> -(acesso em: 09/10/2020).

Globo Esporte-<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA861415-3968,00.html> -(acesso: 09/10/2020).

ESPN- http://www.espn.com.br/noticia/219868_para-nuzman-maior-legado-do-pan-2007-foi-o-direito-de-sediar-jogos-olimpicos-em-2016 -(acesso:09/10/2020)

Globo Esporte- <https://globoesporte.globo.com/jogos-pan-americanos/noticia/tbt-do-pan-edicao-em-sao-paulo-teve-jairzinho-e-capita-campeoes-e-brasil-vice-no-quadro-de-medalhas.ghtml> -(acesso em: 09/10/2020)..

ESPN- http://www.espn.com.br/blogs/wlamirmarques/753612_4-s-jogos-panamericanos-1963-e98a030f-c24a-402b-9e42-1a31454c-c11b -(acesso em: 09/10/2020).

Borges, Rodrigo- <https://saopaulosao.com.br/conteudos/outros/330-s%C3%A3o-paulo,-1963-um-pan-americano-modesto-e-lucrativo.html#> -(acesso em: 09/10/2020) 16)

Mascarenhas, Gilmar. Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de

Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos - 2007. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (13). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24513.htm>> [ISSN: 1138-9788]

O Globo- <http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes2006/0,-GOV0-6282,00.html> (acesso em: 09/10/2020)

O Globo- <https://oglobo.globo.com/esportes/brasil-oficializado-pela-fifa-como-pais-sede-da-copa-do-mundo-2014-4143993#:~:text=Al%C3%A9m%20deles%2C%20o%20presidente%20da,como%20sede%20da%20Copa%202014.> - (acesso em: 09/10/2020)

Memorial da Democracia- <http://memorialdademocracia.com.br/card/brasil-vence-disputa-pela-copa-2014> - (acesso em: 09/10/2020)

O Popular- História das Copa das Confederações. Disponível em: https://www.opopular.com.br/polopoly_fs/1.341366.1371260685!/menu/standard/file/150613-espt_historiadacopadasconfederacoes.pdf - (acesso em: 09/10/2020)

EBC- <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/05/copa-das-confederacoes-felipao-convoca-selecao-hoje-as-11h40> - (acesso em: 09/10/2020)

Globo Esporte- <http://globoesporte.globo.com/jogo/copa-confederacoes-2013/30-06-2013/brasil-espanha.html> - (acesso em: 09/10/2020)

Ouriques, Nilso. Modernização Conservadora do Futebol Nacional. (TESE DE DISSERTAÇÃO). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

Conmebol - <https://copaamerica.com/pt/historia/> - acesso em 30/9/20

Wikipédia - https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_Am%C3%A9rica - acesso em 30/9/20.

Do Cabo, Álvaro Vicente. Gastaldo, Édison. Helal, Ronaldo. A seleção brasileira na Copa América Centenário: crônicas de uma derrota anunciada. Revista de Investigaciones de la Escuela de

Ciencias Sociales, Artes y Humanidades. UNAD. Volumen 7. Enero/ Diciembre, 2016.

Globo Esporte - <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/em-1989-copa-america-marcava-novo-exodo-e-eldorado-italiano-de-jogadores-da-selecao.ghtml>

Arquivo Nacional - <https://www.youtube.com/watch?v=mnuqCaSIPZI> (Acesso em 05/10/2020)

Arquivo Nacional - <https://www.youtube.com/watch?v=-FANEK9AKPsY> (Acesso em 05/10/2020)

Devide, F. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Unijuí, RS: Ed. da Unijuí. 2005.

Mourão, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: Da segregação à democratização. Revista Movimento. Ano VII. Nº 13. 2000/2.

Ferreira, D.V. História do Campeonato Brasileiro de Futebol (1971-1987): para além da narrativa da “modernização” do futebol brasileiro. Revista Hydra. vol 3. n 5. Dez. 2018.

Terceiro tempo - <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/campeonato-brasileiro-de-1971> - acesso em 05/10/2020.

Globo Esporte <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1249882-16319,00-EM+FASE+DE+REESTRUTURACAO+VASCO+CELEBRA+ANOS+DE+SEU+PRIMEIRO+TITULO+BRASILE.html> Acesso em 06/10/20.

Plínio, L.N. A invasão Corinthiana. São Paulo. Revista Aurora. n.9. 2010.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Final_do_Campeonato_Brasileiro_de_1976 Acesso em 07/10/20.

Globo Esporte

<http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/08/superclassicos-serie-recorda-invasao-corinthiana-em-flu-timao-de-1976.html> Acesso em 07/10/20.

Globo Esporte

<http://globoesporte.globo.com/pr/coxa-30-anos-do-brasileirao/noticia/2015/07/gloria-no-maracana-coritiba-derrota-o-bangu-e-e-campeao-brasileiro-de-1985.html>
(Acesso em 07/10/20).

Ludopédio

<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/caso-rojas-o-dia-que-uma-farsa-quase-tirou-o-brasil-da-copa/> (Acesso em 07/10/20).

Referências mosaico imagens eventos culturais:

O Globo- <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/ha-40-anosfrank-sinatra-cantava-no-maracana-conheca-as-historias-por-tras-do-show-que-marcou-uma-geracao-1-24199530>. - (acesso em: 09/10/2020)

Pereira, Joseane. SERIAL KISSER: CONHEÇA JOSÉ ALVES DE MOURA, O MAIOR BEIJOQUEIRO DO BRASIL. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/serial-kisser-conheca-jose-alves-de-moura-serial-beijoqueiro-brasil.phtml>. - (acesso em: 09/10/2020)

EGO- <http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL581675-9798,-00-LISTA+AS+DEZ+BANDAS+QUE+MAIS+LOTARAM+O+MARACANA.html>. - (acesso em: 09/10/2020)

Paul McCartney Brazil 1990 5_6- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fmjm4tUjtxw&feature=related>. - (acesso em: 09/10/2020).

Miranda, Igor- Rock In Rio 1991: 10 curiosidades sobre a 2ª edição do evento. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/biografias/254229-rockinrio.html#:~:text=O%20Rock%20In%20Rio%201991%20foi%20a%20%20C3%BAnica%20edi%C3%A7%C3%A3o%20brasileira,p%C3%BAblico%20tamb%C3%A9m%20ocupou%20as%20arquibancadas.&text=O%20Rock%20In%20Rio%201991%20teve%20o%20menor%20p%C3%BAblico,tr%C3%AAs%20primeiras%20edi%C3%A7%C3%B5es%20do%20festival>. - (acesso em: 09/10/2020).

SEGUNDA PARTE

**ESTUDOS E
PESQUISAS NO
TEMA ESTÁDIO
MARACANÃ**

POSICIONAMENTOS DO ESTÁDIO DO MARACANÃ DO RIO DE JANEIRO COMO TEMA DE ESTUDOS E PESQUISAS – UMA REVISÃO INTERNACIONAL

**Bianca Gama Pena
Lamartine DaCosta**

Ao completar 70 anos de existência, o Estádio do Maracanã ressurge do passado para os dias atuais, pressupondo ser um símbolo do futebol e dos esportes em geral por ter se fixado na memória dos brasileiros e ter reconhecimento mundial. Em retrospecto, têm sido comum as crenças de que o futebol fez do Maracanã um lugar mítico desde suas origens bem como seu formato circular, capaz de acolher grandes públicos. Isso o tornou um lugar de encontro, criando uma relação comunitária e inclusiva com a população da cidade que o abriga, o Rio de Janeiro. Esta interpretação mediática, corrente há décadas, entretanto, tem gerado demandas de estudos e pesquisas em História, Sociologia, Comunicação e outras áreas de conhecimento, para a devida apropriação científica, dando-lhe a devida compreensão além do sentido mitológico que ela incorpora.

De fato, ainda em termos correntes e populares, o Maracanã alinha-se ao lado de outros estádios míticos em comparações internacionais, tais como o Wembley em Londres, Olímpico em Berlim, Lujniki em Moscou, Coliseum de Los Angeles, La Bombonera em Buenos Aires ou Pacaembu em São Paulo. Nesta linha de conta pode-se cogitar ainda de estádios e de locais de esportes como monumentos históricos como o Colosseum (Coliseu) em Roma ou a cidade-estádio de Olympia na Grécia, ambos milenares. Como tais, esses exemplos comparativos por si só já permitem antever o Maracanã como um legado histórico e, portanto, tema de investigações e de preservação museológica, como ora este estudo de revisão pretende dar-lhe os devidos posicionamentos em termos de construção analítica e prospectiva.

MARACANÃ COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Inicialmente, o reexame pretendido implica em consultar a Geografia do Esporte, área de estudos acadêmicos, descrita no Atlas do Esporte do Brasil (DaCosta, Org., 2006), que incluiu no capítulo de Gilmar Mascarenhas (2006), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, as fontes pontos de partida dos estudos sobre estádios icônicos em âmbito internacional. Nesta fonte, assumem-se como pioneiros o francês J.P. Augustin (1995), que identificou estádios por influência geográfica – local, regional, nacional etc. -, seguindo-se do inglês J. Bale (1998) e de outro francês, P. Boniface (1998), ambos direcionados a influências sócio-econômicas e geopolíticas das instalações esportivas. Em especial, Mascarenhas deu destaque a John Bale,

atuando na Universidade de Keele, Reino Unido, desde 1976, como autor principal da Geografia do Esporte e, nesta temática, de estudos sobre instalações esportivas, sobretudo do futebol, localizadas em seu país. Esta identificação numa revisão mais atualizada confirma o autor britânico como fonte seminal sobretudo considerando sua obra maior, compartilhada com Olof Moen e publicada em 1995 (1ª. edição), sob o título “The Stadium and the City / O Estádio e a Cidade”.

Nesta obra, Bale nos seus prolegômenos interpreta o espaço como meio de definir o jogo esportivo e seus praticantes, sobretudo, em equipe de modo que cada modalidade esportiva se amolda ao ambiente físico e à paisagem. Mas se o espaço é definido por um estádio com milhares de assistentes, o jogo transcorre como um ritual, criando vínculos emocionais e de pertencimento entre seus participantes, praticantes e assistentes. Há, portanto, um sentido teatral nos estádios que explicam em princípio significados sociais e de valor econômico dos estádios em meio aos cenários urbanos que os abrigam. Assim disposto, a teorização do citado geógrafo esportivo explora uma plêiade de exemplos da Europa e América do Norte que colocam o estádio como um elemento central das cidades modernas.

A confirmação de John Bale da percepção comum – por vezes turística ou mediática – que situa determinados estádios como símbolos locais ou mesmo nacionais, ganha, entretanto, outra perspectiva situacional entre historiadores do esporte. Nesta categoria de análise, insere-se Larmartine DaCosta, pesquisador brasileiro cujas incursões teóricas em Estudos Olímpicos levaram-no a entender instalações esportivas como “lugar de memória” ao acompanhar o historiador francês Pierre Nora com sua proposta relacionada ao “lieux de memoire”, isto é, ambientes e ob-

jetos que constroem identidades e evocam lembranças, constituindo simultaneamente experiência concreta e construção do imaginário (Nora, 2001).

No seu livro de 2002, "Olympic Studies", publicado em língua inglesa, DaCosta (p. 153 – 176) retoma Pierre Nora nas suas teorias originais dos anos de 1990, mas amplia a concepção de lugar de memória cogitando-se de locais de grandes comemorações esportivas tal como ocorre com os Jogos Olímpicos. Neste novo viés, as referências de memória destacam-se além dos objetos e respectivos imaginários, criando vínculos múltiplos entre habitantes e habitações de uma cidade a qual ela mesma se torna um símbolo cultural. Como tal, este processo de conectividade torna-se evidente diante das experiências empíricas dos Jogos Olímpicos modernos cuja memória em cada cidade-sede tem sido habitualmente incorporada à cultura local, com reflexos nacionais e até mesmo internacionais. Os estádios e instalações esportivas permanecem como símbolos e como legados em cada edição das Olimpíadas (dos Jogos Olímpicos), porém em harmonia com a cidade que lhes deu origem. Contudo, tanto as instalações como a memória das competições podem se desvanecer não gerando legados, tornando-se então contrafactuais em face às experiências empíricas dos Jogos Olímpicos de épocas recentes.

As comprovações da teorização de DaCosta apoiaram-se no caso de Olympia, na Grécia, cujas narrativas históricas permitem estabelecer íntimas relações entre as competições atléticas dos Jogos Olímpicos com rituais religiosos, identificação grupal, pertencimento cultural e manifestações artísticas. Esta teia de conexões refletiu-se na disposição física da localidade em foco, tornando-a uma cidade-estádio-teatro, sendo as competições atléticas o fio condutor das relações entre seus visitantes durante os Jogos Olímpicos em épocas preliminares ao Cristianismo.

Em termos de reconhecimento in loco, DaCosta viveu os resquícios arqueológicos de Olympia com seus alunos do Estágio de Pós Graduação da International Olympic Academy - IOA vindos de vários países durante os anos de 1990, experiências que redundaram num capítulo do livro comemorativo dos 50 anos da Academia Olímpica Internacional lançado em 2011 (Figura 1). Este estudo teve o título de “In Search of a Historical and Philosophical Meaning for IOA at Ancient Olympia – Em Busca de Significados Históricos e Filosóficos para a IOA em Olympia”, desde que se inseriu numa concepção filosófica da Antiga Grécia conhecida posteriormente pela expressão em latim “theatrum mundi”. Esta metáfora cultivada pela filosofia pré-socrática foi propalada como um modo de fazer declarações compreensivas reunindo multiplicidade de temas que aparentemente descreviam o mundo (DaCosta, 2002, p. 156).

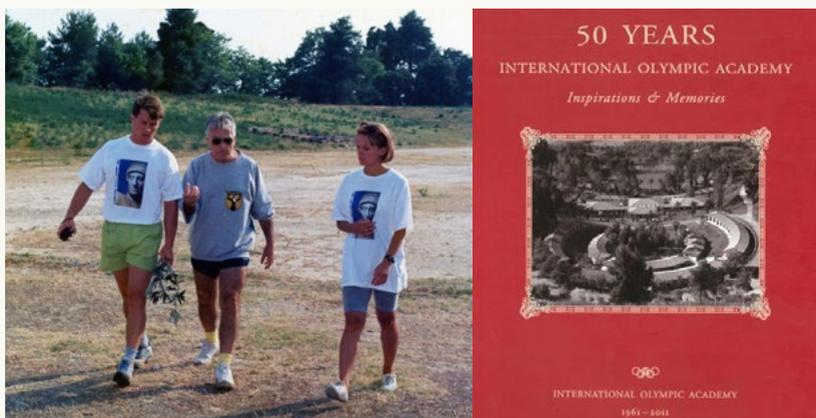


Fig 1 - Lamartine DaCosta (centro) examina o estádio de competições atléticas de Olympia, Grécia, com estagiários da Academia Olímpica Internacional - IOA; à direita, capa do livro comemorativo dos 50 anos da IOA que publicou o estudo sobre Olympia como “lugar de memória” do esporte em perspectivas internacionais (DaCosta, 2011).

Em resumo, os estádios que simbolizam uma cultura ou uma época – antes aqui denominados como “icônicos” – em diferentes localizações internacionais, pressupõem seguir a tradição cidade-teatro-estádio antecipada na Antiga Grécia e que se ajustaram aos novos tempos ao se harmonizarem com os grandes centros urbanos da modernidade. Esta interpretação herdada de John Bale e revisitada por DaCosta a partir de nova argumentação empírica e teórica em 2002 e 2011, ganhou um novo impulso ao se observar o estádio do Maracanã em seu papel central na cidade do Rio de Janeiro durante a realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Naquele evento, que mobilizou a cidade e o país, foi possível comprovar uma grande expansão na conectividade da cidade mensurada pelos impulsos dos telefones celulares e dos meios eletrônicos em geral, sobretudo Internet e mídias, ultrapassando os recordes atingidos nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Estes dados foram usados por Lamartine DaCosta em diversos estudos publicados a partir de 2017, culminando com um capítulo de livro publicado pela The University of Arkansas Press, tendo por editores Cesar Torres e Antonio Sotomayor, no qual a conectividade do Rio de Janeiro foi observada por comparações com a Cidade do México, Jogos Olímpicos 1968, e Buenos Aires, Jogos Olímpicos da Juventude 2018, (DaCosta, 2020).

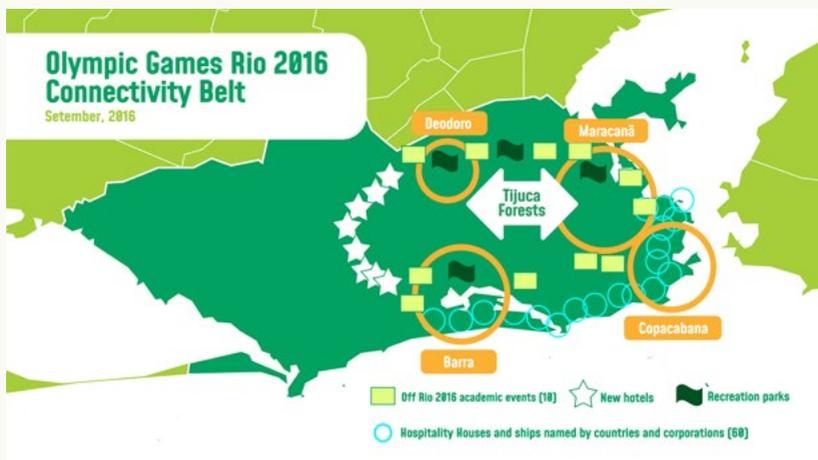


Fig 2 – Representação situacional da conectividade digital no Rio de Janeiro durante os Jogos Olímpicos 2016 na qual se inseriu o Estádio do Maracanã.

As análises comparativas levaram em conta o aumento da conectividade entre os habitantes das cidades em foco em razão de modificações nos transportes e vias de acesso (México e Rio) e do aumento de relacionamento com meios digitais (Rio e Buenos Aires). Como resultado foi elaborado um mapa representativo da conectividade identificada no Rio de Janeiro durante os Jogos de 2016, ocorrida sob forma circular fechada em si mesma (Connectivity Belt), como se representa na Figura 2.

Nesta disposição, cabe relevar o Estádio do Maracanã, um dos quatro polos do Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, cujas funções foram além de encenar competições, atuando como um dos pontos de concentração de instalações dos Jogos – sobretudo como sede da Cerimônia de Abertura dos Jogos – e de referência online para a circulação de notícias e de visitantes a julgar pelos relatos de DaCosta (2020). Em síntese, a tese de cidade-teatro-estádio repetiu-se concernente ao Maracanã-Rio de Janeiro

durante os Jogos Olímpicos de 2016, devidamente ajustada às caracterizações da era digital, o que confirmaria haver um significado de “lugar de memória” nas relações dos estádios com seus entornos, independente das mudanças temporais e culturais.

POSICIONAMENTOS COMPLEMENTARES

Os resultados obtidos com as análises sobre a conectividade durante os Jogos Olímpicos de 2016, entretanto, não apresentaram sinalização de continuidade pós evento nem envolvendo suas possíveis consequências. Ou seja: os legados da experiência do Maracanã durante os Jogos Olímpicos 2016 mantiveram-se como objeto de estudos e pesquisas na atualidade pois não se manifestaram com visibilidade.

Por seu turno, o mesmo pode ser dito a respeito de constatações passadas sobre o Maracanã obtidas por pesquisas junto aos seus usuários ou intérpretes de modo a dar maior detalhamento à história do estádio icônico brasileiro diante de fatos relevantes, incluindo necessariamente a chamada Década de Ouro dos megaeventos esportivos ocorrida no Rio de Janeiro (Jogos Pan e Para-Pan Americano 2007, Jogos Mundiais Militares 2011, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014 e Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016).

Em resumo, a historicidade do Maracanã continua em pauta como objetivo de pesquisas acadêmicas quer para se obter uma melhor compreensão do passado ou para projetar alterações futuras. Esta conclusão ganhou uma confirmação recente ao se verificar mais uma vez a identi-

ficação mitológica do Maracanã em face ao público brasileiro. Isto ocorreu em meados de 2020, quando o eMuseu do Esporte, entidade nacional atuante na Internet, organizou uma exposição online comemorativa denominada “Maracanã – 70 Anos”. Como resultado, durante o mês de julho do ano citado, um total de 135.368 mil pessoas visitaram a exposição e outras 5,3 milhões assistiram a uma versão reduzida da amostra apresentada pela TV Globo do Rio de Janeiro em horário noturno (dados do eMuseu do Esporte, 2020).

Em contas finais, diante dos múltiplos caminhos de estudos e pesquisas sobre o Estádio do Maracanã, cabe-nos concordar com o historiador francês Paul Veyne (1998), para o qual narrar a totalidade dos fatos no campo histórico é uma tarefa das mais árduas, já que um caminho deve ser escolhido, e este não pode passar por todo lugar. Contudo, nenhum desses caminhos é o único ou verdadeiro e nem muito menos reflete a totalidade dos fatos. A história está no conjunto de informações, nos cruzamentos dos itinerários possíveis e principalmente nos objetivos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

Augustin, J. P. (1995). Sport, Géographie et Aménagement. Bordeaux: Édition Nathan.

Bale, J. (1998). Human Geography and the Study of Sports. Newcastle: University of Keele.

Bale, J. (1989). Sports Geography. London: E. & F.N. Spon.

Boniface, P. (1998). Géopolitique du football. Paris: Editions Complexe.

Bale, J. & Moen, O. (2003). *The Stadium and the City*. Keele(UK): Keele University Press.

DaCosta, L. P. – Org. (2005). *Atlas do Esporte no Brasil*, Rio de Janeiro: CONFEF.

DaCosta, L. P. (2020). In Search of the Olympic Games' Future Significances: Contributions from Mexico City, Buenos Aires and Rio de Janeiro. In Torres, C. R. & Sotomayor, A. (Eds) *Olimpismo: The Olympic Movement in the Making of Latin America and the Caribbean*. Fayetteville: The University of Arkansas Press, p. 140 – 155.

Nora, P. (2001). *Rethinking France – Le Lieux de Memoire*. Chicago: The University of Chicago Press, p. 401 – 410.

Veyne, P.M. (1998). *Como se Escreve a História: Foucault Revolucionou a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

ESTÁDIO DO MARACANÃ: UM LEGADO SUBUTILIZADO

Carla Isabel Paula da Rocha de Araujo
Agnaldo de Senna
Isabela Gonzaga dos Santos

1. INTRODUÇÃO

Qualquer reflexão sobre o Maracanã deve começar pela sua biografia. No ano de 1950, o Maracanã entrou para a história por ser uma das sedes do mundial de futebol construídas após o término da II Guerra Mundial (FRANCO, 2019). Entretanto, esta Copa ficou marcada pela derrota do Brasil frente ao Uruguai, sendo este jogo, segundo Monteiro (2020), o de maior público da história das copas. Tão logo, o estádio passou a fazer parte do imaginário, vida e rotina dos cariocas recebendo milhares de espectadores ao longo de sua história, mas não apenas para as grandes partidas de futebol, como para o milésimo gol de Pelé ou o primeiro título Olímpico da seleção masculina de futebol (LUCENA, 2016). A arena desportiva também acolheu shows musicais como Kiss, Rock in Rio, Frank Sinatra, Madonna, Paul McCartney e Rolling Stones (RODRIGUES, 2020). E mais recentemente foi palco de vários megaeventos (SENNA E GONÇALVES, 2020), tais como os Jogos Pan e Para-Pan Americanos 2007, Jogos Mundiais Militares 2011, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014 e Jogos

Olímpicos e Paraolímpicos 2016. A realização destes megaeventos levou às principais intervenções arquitetônicas que transformaram o Complexo Maracanã. A primeira reforma foi para o Mundial de Clubes FIFA de 2000, em seguida para os Jogos Pan-americanos Rio 2007, a terceira reforma para a Copa do Mundo de 2014 e a última para os Jogos Olímpicos Rio 2016 (LANCE, 2019; ROCHA, 2015; ISTOÉ, 2016)

2. LEGADO OLÍMPICO

Os Megaeventos são atividades esportivas que se movimentam de um local para outro, com a necessidade de recursos imediatos para sua organização, que posteriormente mudam de direção ou somem. E ainda que tenham encargos quanto à concorrência, sua realização desperta interesse de cidades, visto poderem acelerar o desenvolvimento local através de investimentos externos, captação de recursos, atrações e atrativos turísticos, valorização da cidade anfitriã (PREUSS, 2015, p. 75), para além do legado deixado.

Segundo Villano e Terra (2008), não existe uma definição exata de legado, pois “trata-se de um conceito muito complexo, com múltiplos significados, que pode inclusive ser melhor representado por outras expressões ou até mesmo conceitos em culturas e idiomas diferentes, que irão melhor expressar seu caráter histórico e de continuidade” (VILLANO E TERRA, 2008, P.104).

Partindo deste princípio, o Grupo de Pesquisa Legados Rio 2016 resolveu criar seu próprio conceito de legado baseado no tripé do desenvolvimento sustentável da ONU. A Triple Bottom Line aborda 3 dimensões que foram conver-

tidas em legado, são elas: Legado Social, Legado Econômico e Legado Ambiental. Esta visão está apoiada no consenso de que qualquer megaevento deixará algo para a posteridade (MAZO, ROLIM E DACOSTA 2008), contudo estes legados, como pontua os autores, nem sempre são atrelados ao esporte, mas também a economia e o desenvolvimento da cidade (PRONI, FAUSTINO E SILVA, 2014).

É importante clarificar que existe uma diferença entre os conceitos de impacto, legado e heritage, que segundo Araujo (2016) possuem relativas contradições (p.8). A tabela 1 mostra a diferenciação entre os 3 conceitos na ótica do Grupo de Pesquisa. O Impacto acontece antes e durante os JO, Legado se refere às contribuições do presente para o futuro, e heritage concerne ao capital/patrimônio acumulado do hoje que ficará para as gerações futuras (ARAUJO, 2016, p.8)

JOGOS OLÍMPICOS						
PRÉ-EVENTO			EVENTO	PÓS-EVENTO		
Candidatura	Muito Antes	Antes	Durante	Após	Muito Após	Muito Muito Após
IMPACTO						
		LEGADO				HERITAGE

Tabela 1: Entendimento de impacto, legado e heritage segundo o Grupo de Pesquisa LEGADOS RIO 2016.

1. LEGADO SOCIAL

A cultura do voluntariado foi um dos principais legados sociais da Rio 2016 para Brondoni e Marques (2019), junto com a geração de emprego, já que através do treinamento gratuito dado a moradores de algumas comunidades, pes-

soas se profissionalizaram e puderam ter seus trabalhos, principalmente durante os JO.

Uma vertente importante do legado Social é a segurança, que segundo Vasconcelos (2018) permitiu a diminuição da criminalidade nos locais que tiveram disputas durante os JO, dado aos novos planejamentos e sistemas de segurança pública.

De acordo com Oliveira e Corradini (2017), o Complexo do Maracanã teve seu legado social no que tange ao lazer, diversidades, transporte público, remodelação urbana e etc., ainda que tal tenha ocorrido graças a reformas das suas estruturas e não a uma grande construção. Isso fez com que o investimento na região fosse pequeno. Esse pouco investimento despertou a insatisfação dos moradores e frequentadores da região, já que setores básicos como saúde e educação não eram incentivados (FIDÊNCIO E SILVA, 2019).

Matias e Mascarenhas (2015) têm uma visão crítica sobre o Legado planejado e deixado no RIO 2016 "Um assunto que teve grande repercussão foram as violações aos direitos humanos durante a organização e realização dos Jogos. Entre estas violações, denunciadas pela Anistia Internacional (2016), estão as remoções forçadas de comunidades para a construção de novas instalações desportivas e outras infraestruturas; restrições indevidas à liberdade de expressão e manifestação pacífica; e detenções arbitrárias e abusivas contra a população mais carente" (P. 6 e 7).

2. LEGADO ECONÔMICO

Uma análise se faz pertinente para determinar quais os legados econômicos prometidos com a organização dos

JO Rio 2016. O Comitê Organizador, a Prefeitura da Cidade, Governo Federal e Estadual gastaram com a realização dos JO, segundo a Autoridade Pública Olímpica (APO), cerca de R\$43,17 bilhões de reais, 2 bilhões a mais da previsão em 2014 (RAMOS E JORGE, 2019). Ocorreram R\$270 milhões de gastos extras com a cerimônia de abertura e encerramento realizadas na Arena do Maracanã (fornecidos pelo Governo Federal e Prefeitura do Rio), além de R\$2,9 bilhões cedidos pelo Governo Federal (devido à declaração de calamidade pública por parte do Estado), assim como R\$350 milhões repassados ao Comitê Organizador por empresas que receberam incentivos fiscais do Governo do Estado e R\$150 milhões de aporte da Prefeitura do Rio para realização dos Jogos Paraolímpicos (MONTEIRO & CONSENTINO, 2017). Com o Plano de Políticas Públicas (legado) foram gastos em torno de R\$26,74 bilhões, sendo 43% (R\$10,3 bilhões) de origem privada. Na região do Maracanã seu legado foi de renovação urbana por implantação de centros residências e entretenimento (MONTEIRO & CONSENTINO, 2017).

Em 2017 o Rio de Janeiro se encontrava falido, sem recursos, atrasando salários de professores, policiais e funcionários públicos, coberto de escândalos de corrupção e o Comitê Organizador apresentando dívida de mais de 100 milhões de reais com seus credores (CHADE, 2017, DREHS E LAJOLO, 2017), enquanto para o COI este se tornou nos JO de faturamento recorde (CHADE, 2017).

A organização da Copa do Mundo FIFA 2014 proporcionou a vinda de 1 milhão de turistas, arrecadando cerca de US\$797 milhões (TADINI, 2015). Já os JO Rio 2016 acolheram 11.303 atletas, 25.721 jornalistas credenciados, 3 mil árbitros e 1,17 milhão de turistas, implicando no investimento de 1 bilhão de reais na ampliação da rede hoteleira (ROCHA, 2017). Segundo a

RioTur, o turismo movimentou cerca de R\$4,1 bilhões durante os JO.

O comércio da época sentiu um aumento de 70% nas compras na Zona Sul, de 30% na Barra da Tijuca, Centro e Zona Norte e de 20% na Zona Oeste, comparados com meses de agosto de anos anteriores (BOECKEL, 2016).

A curto prazo, durante a realização do evento, o turismo teve seu impacto positivo econômico evidente. Quase um ano após a realização dos JO, segundo a Associação de Hotéis do Estado do Rio (ABIH-RJ) a ocupação dos hotéis ficou 10% a menos em relação à mesma época no ano dos JO e 36% a menos comparado ao mês de agosto de 2016 (RAMALHO & GALDO, 2017).

Contudo a longo prazo é incerto ou até negativo o legado, por conta da desorganização, violência, sujeira e corrupção na cidade (BOECKEL, 2016; REIS, 2008; ROCHA, 2017).

2.3. LEGADO AMBIENTAL

Para os Jogos RIO 2016 a Sustentabilidade ambiental foi parte essencial do projeto olímpico, segundo Sampaio e Borrel (2020). O Comitê organizador listou 10 situações que foram incorporadas ao planejamento e execução dos JO mirando garantir os padrões de sustentabilidade. Dentre eles, podem-se destacar estes 5:

1. O Rio 2016 manteve três diálogos com ONGs durante a preparação dos JO. Mais de 70% das 200 sugestões recebidas foram implementadas e o Rio 2016 se comunicou abertamente sobre aquelas que não puderam ser implementadas. O processo foi facilitado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA).

2. O programa de sustentabilidade do Rio 2016 recebeu a certificação ISO 20121, após uma auditoria de terceiros confirmar que o plano de sustentabilidade para os JO seguia as melhores práticas internacionais e havia sido totalmente implementado. Isso elevou o nível de práticas ambientais em toda a cadeia de suprimentos.
3. A ação de mudança climática do Rio foi além da conscientização da Cerimônia de Abertura. Tecnologias energeticamente eficientes e de baixo carbono foram implementadas no Brasil e em outros países da América Latina, reduzindo 2,2 milhões de toneladas de emissões de carbono e demonstrando a viabilidade da produção de baixo carbono na agricultura e na indústria.
4. Em parceria com Forest Stewardship Council - FSC, Marine Stewardship Council - MSC e Aquaculture Stewardship Council - ASC, Rio 2016 contratou e treinou fornecedores na obtenção de certificações de madeira (cadeia de custódia), peixe e frutos do mar. Foram servidas cerca de 70 toneladas de peixe certificado (em Londres 2012, foram servidas 40 toneladas de peixe certificado), enquanto 100% da madeira certificada foi usada nas Operações de JO (SAMPAIO E BORREL, 2019).

O Tribunal de Contas da União (TCU) avaliou as obras do chamado Legado Ambiental propostas pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016 e, segundo a nota publicada em junho de 2016, concluiu que diversas obras não estariam terminadas até o final dos Jogos. Apesar dos pontos positivos apresentados, obras, principalmente de saneamento, não foram concluídas (TCU, 2016, P. 7).

Uma destas obras atrasadas era a captação e tratamento de esgoto antes de ser lançado na Baía de Guanabara, que

era pra ser concluída em dezembro de 2016, quando técnicos da Secretaria de Estado do Ambiente (SEA/RJ) comentaram que “as raias olímpicas ficam no canal central da baía, onde há maior renovação das águas em função da proximidade com o oceano, o que favorece a condição de balneabilidade dessa área” (TCU, 2016, p. 11). Também obras emergenciais foram realizadas na Marina da Glória de forma a aumentar a balneabilidade nas raias mais próximas da costa. Assim fica evidente que a opção ideal de não lançamento de esgoto foi substituída pela localização das raias. Esta questão teve grande atenção da mídia, pois demonstrou a incapacidade dos governos para implementar esta obra que traria resultados positivos (TCU, 2016, P. 8).

O Ministério do Esporte (2017) faz outra crítica ao projeto e cita também a polêmica envolvendo o campo de golfe utilizado nos JO. “A despeito de ampla contestação de ativistas ambientais, o Campo de Golfe Olímpico foi construído em plena área de proteção ambiental, a Reserva de Marapendi. O projeto envolveu explícitos interesses privados do setor imobiliário, com a construção de gigantesco empreendimento favorecido por súbita alteração das normas urbanísticas no local. Trata-se de um paradoxo, considerando a persistente retórica ambientalista do Comitê Olímpico Internacional e dos próprios organizadores da Rio 2016.

3. GRUPO PESQUISA LEGADOS RIO 2016

Estudo Exploratório Complexo Maracanã

O Grupo de Pesquisa Legados Rio 2016 é composto por alunos e professores da UFRJ e UERJ e nasceu em 2019. Este grupo elaborou um survey com base na revisão siste-

mática de literatura e experiências pessoais como Voluntário dos JO Rio 2016. O survey foi validado por pesquisadores internacionais e ficou definido que teria 89 afirmativas (30 sobre Legado Social, 29 sobre Legado Econômico e 30 Sobre Legado Ambiental) pertinentes à análise do Complexo Maracanã. O survey foi aplicado a 226 entrevistados, entre alunos, professores e funcionários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na fase exploratória. A opção pela UERJ advém de 2 fatores: o primeiro é que a universidade tem relações próximas com o Maracanã, e o segundo é que a UERJ foi utilizada como base de apoio ao Maracanã durante os megaeventos esportivos.

O survey buscou determinar qual a percepção desta população relativamente a 3 tipos de legados (Social, Econômico e Ambiental). A nível Social as categorias analisadas foram 10 e se concentraram na segurança, equidade social, espaços de lazer, atividade física, mobilidade urbana, infraestrutura, novas gerações, cultura, nacionalismo/brio nacional e acessibilidade. No que concerne ao Legado Econômico procurou-se atender a 22 categorias: inflação, custo-benefício, atividade comercial, turismo, valorização imobiliária, acessibilidade, equidade, retorno financeiro com eventos não desportivos e desportivos, qualidade dos serviços, comércio informal, queda da renda, população meliante, transporte público, inflação imobiliária, êxodo da população mais carente, custo de manutenção bens públicos, execução do orçamento, modernização, retorno econômico, investimento nas comunidades (favelas), valorização arquitetônica e diminuição dos preços. No que concerne ao Legado Ambiental buscou analisar 15 categorias: lixo, poluição, reformas sustentáveis, infraestrutura, preservação ambiental, consciência ambiental, água e esgoto, mobilidade urbana, reciclagem, re-urbanização,

urbanismo, embelezamento, mobilidade, limpeza e aumento de pessoas.

São parte dos dados deste estudo que iremos apresentar.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Legado Social

O Grupo de Pesquisa Legados Rio 2016 analisou 10 categorias através de 30 questões sociais, no estudo exploratório do Complexo Maracanã.



Figura 1: Percepção de Legado Social no entorno do Complexo Maracanã

Segundo a figura 1 é possível constatar que a maioria dos entrevistados discorda que tenha havido algum tipo de Legado Social (37,45%). No entanto, este valor é um pouco superior aos 34,75% dos que enxergam algum tipo de Legado Social deixado pelos Megaeventos Desportivos para a população do entorno do Complexo Maracanã.

Em nossa análise, observamos ainda que há concordância positiva em determinadas categorias, tais: mobilidade urbana, lazer, infraestrutura e acessibilidade para deficientes físicos. Já as categorias em que a percepção de Legado Social é negativa se concentram nas categorias: segurança, equidade social e mobilidade urbana no dia de evento.

Dentro da escala de Likert podemos ainda observar uma maior concentração de respostas nas opções 3, 4 e 5, o que demonstra uma tendência dos entrevistados para omitirem sua opinião sobre os Legados Olímpicos Sociais no entorno do Complexo Maracanã.

4.2. Legado Econômico

O Grupo analisou 22 categorias distribuídas por 29 questões econômicas, no estudo exploratório do Complexo Maracanã. Na figura 2 verifica-se que a maior parte dos entrevistados discorda que tenha havido algum tipo de Legado Econômico (41,64%). Sendo que a diferença de valores entre os que se mantêm neutros (29,34%) e os que concordam que houve algum legado (28,32%) é de um por cento.



Figura 2: Percepção de Legado Econômico no entorno do Complexo Maracanã

4.3. Legado Ambiental

Analisando os resultados podemos ver que a maioria dos entrevistados tem uma percepção negativa relativa ao legado ambiental. Desta forma é possível ver na figura 3 que 44,32% não acreditam que tenha havido legado ambiental, enquanto 28,44% se mantém neutro e 25,99% acredita que tenha havido algum tipo de legado ambiental deixado pelos megaeventos desportivos no entorno do Complexo Maracanã.



Figura 3: Percepção de Legado Ambiental no entorno do Complexo Maracanã

No entanto há a destacar que 10 afirmativas apresentaram uma tendência para a discordância. São elas:

Afirmativa	Categoria
A. 18 - Diminuiu o número de alagamentos no entorno do Complexo Maracanã	Escoamento de água e mobilidade urbana
A 23 - O poder público passou a preservar melhor o ambiente no entorno do Complexo Maracanã	Preservação
A. 46 - A poluição do ar afeta os praticantes de esporte e atividade física no entorno do Complexo Maracanã	Poluição atmosférica.
A. 49 - Não houve diminuição dos casos de vandalismos e depredações no entorno do Complexo Maracanã	Consciência ambiental
A.55 - Áreas abandonadas foram reutilizadas de forma sustentável após os JO Rio 2016 x	Poluição atmosférica.
A.61- Os arredores do Complexo Maracanã se tornaram mais arborizados	Preservação ecossistema e urbanismo verde
A.67 - Diminuiu o transbordamento do Rio Maracanã	Mobilidade, escoamento da água e poluição
A.73 - O entorno do Complexo Maracanã vem atraindo cada vez mais moradores de rua	Poluição visual e mobilidade
A.85 - Há uma maior preocupação com o gasto de água de maneira geral na cidade do Rio de Janeiro	Águas e preservação.
A.87 - O sistema de tratamento de esgoto na cidade do Rio de Janeiro está mais eficaz	Esgoto

Tabela 2: Afirmativas do survey que apresentaram tendência para a discordância e suas respectivas categorias

E somente 3 afirmativas encontraram um denominador comum em relação a concordância, são estas:

Afirmativa	Categoria
A.40 A coleta seletiva é essencial para tornar o entorno do Complexo Maracanã mais limpo e ecológico	Poluição, lixo e reciclagem.
A.79 - O entorno do Complexo Maracanã se tornou mais bonito	Embelezamento visual e urbanismo
A.89 - A circulação de pedestres aumentou no entorno do Complexo Maracanã	Circulação de pedestres

Tabela 3: Afirmativas do survey que apresentaram tendência para a concordância e sua(s) respectiva(s) categoria(s)

Há a destacar que apenas 3 afirmativas apresentam um denominador comum positivo, as afirmativas 40 (poluição, lixo e reciclagem), 79 (embelezamento visual e urbanismo) e 89 (circulação de pedestres).

5. CONCLUSÃO

O que a pesquisa nos mostra é que a percepção de legados sociais, econômicos e ambientais deixados por megaeventos desportivos no entorno do Complexo Maracanã não é positiva. Infelizmente, 10 anos dourados de megaeventos desportivos, do qual o Complexo Maracanã fez parte, não deixaram o carioca com a sensação de que valeu à pena. Se a arena, que é um ícone no Brasil, não produziu legados positivos, o que pensar de estruturas erigidas somente para os megaeventos?

Acreditamos que foram perdidas boas oportunidades, nos últimos anos, para a consagração do Complexo Maracanã, tudo isto graças à falta de projeção de legados sociais, econômicos e ambientais.

Todos os eventos com visibilidade internacional foram janelas de oportunidade para consagrar e melhorar o Maracanã. Efetivamente, arquitetonicamente parece ter havido uma melhora, mas esta não se repercutiu na sensação de bem estar por parte da população carioca. Nosso estudo exploratório aponta nesse sentido, deixando uma sensação de Legado subutilizado. Efetivamente, as entidades responsáveis pela organização dos megaeventos esportivos, tais como os Jogos Pan e Para-Pan Americano 2007, Jogos Mundiais Militares 2011, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014 e Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016, perderam várias oportunidades para promover o legado.

As relevantes somas de recursos investidas não parecem ter surtido o efeito desejado, na ótica dos cariocas. A questão é saber se o dinheiro foi mal investido ou se as decisões nunca visaram ao Legado Sustentável (social, econômico e ambiental). Torna-se então essencial investi-

gar estas questões no futuro, objetivo primordial deste estudo preliminar que visa ser aplicado (o survey num formato abreviado, com 50 afirmativas ao invés das 89 do estudo exploratório) à população que convive no entorno do Maracanã.

REFERÊNCIAS

ANISTIA INTERNACIONAL. A violência não faz parte desse jogo! Risco de violações de direitos humanos nas olimpíadas rio 2016. 2016. Disponível em <<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Briefing-PORT.pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ARAUJO, Carla Rocha. Os jogos olímpicos da era moderna sob o olhar do desenvolvimento sustentável. Análise centrada nas dimensões social, ambiental e econômica. Porto, 2016.

BOECKEL, C. Rio recebeu 1,17 milhão de turista na olimpíada; 410 mil são do exterior. G1, Rio de Janeiro, 23 de ago. de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/prefeitura-faz-balanco-da-olimpiada-e-paes-diz-que-o-rio-calou-criticos.html>. Acesso em: 05 dez. 2020.

BRONDONI E MARQUES. Olimpíadas rio 2016: a (in) sustentabilidade do nosso legado. Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-24, jan./jun. 2019.

BOECKEL, C. Rio recebeu 1,17 milhão de turista na olimpíada; 410 mil são do exterior. G1, Rio de Janeiro, 23 de ago. de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/prefeitura-faz-balanco-da-olimpiada-e-paes-diz-que-o-rio-calou-criticos.html>. Acesso em: 05 dez. 2020.

CONTEÚDO ESTADÃO. Em reforma para Olimpíada, Maracanã recebe futebol pela primeira vez em 2016. IstoÉ. 1 maio 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/em-reforma-para-olimpiada-maracana-recebe-futebol-pela-primeira-vez-em-2016/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

CHADE, J. Pós rio-2016, COI reconhece: o mundo mudou. Estadão, Rio de Janeiro, 10 de jun. de 2017. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/blogs/jamil-chade/pos-rio-2016-coi-reconhece-o-mundo-mudou/> Acesso em: 05 dez. 2020.

SENNA, Agnaldo; SANTOS, Isabela. Legados dos jogos olímpicos rio 2016: análise das questões de segurança no entorno do complexo Maracanã. Orientador: Dr^a Carla Isabel Paula da Rocha de Araujo. 2020. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FIDÊNCIO, Leandro Ferreira; SILVA, Leonardo Reis Alves da. Legados rio 2016 sobre o complexo do maracanã na ótica do corpo docente e discente de educação física e desporto da UERJ: Legado social. Orientador: Dra. Carla Isabel Paula da Rocha de Araujo. 2019. 31 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FRANCO, Giullya. "Estádio Maracanã"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/estadio-maracana.htm>. Acesso em 06 de dezembro de 2020.

MATIAS, Wagner; MASCARENHAS, Fernando. JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016: vencedores e perdedores. Motrivivência, [S. l.], p. 1-17, 3 set. 2015.

MAZO, J.Z., ROLIM, L.H., DACOSTA, L.P. Em busca de uma definição de legado na perspectiva de megaeventos olímpicos. In: DACOSTA, Lamartine; CORRÊA, Dirce; RIZZUTI, Elaine; VILLANO, Bernardo; MIRAGAYA, Ana. Legado de megaeventos esportivos. Brasília: Confef, 2008. (p. 117-120).

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Legado social das olimpíadas. Publicação do Comitê de Gestão das Ações Governamentais Federais para a Candidatura Rio 2016. Ministério do Esporte. 2007. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/rio2016/cadernoLegadosSocial.pdf>. Acesso em 10/11/2019.

MONTEIRO, Marcelo. Maracanazo 70 anos:: saiba porque Brasil x Uruguai de 50 é um jogo único. GE. Rio de Janeiro, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/memoria-ec/post/2020/07/16/maracanazo-70-anos-saiba-porque-brasil-x-uruguai-de-50-e-um-jogo-unico.ghtml>. Acesso em: 5 dez. 2020.

MONTEIRO, POLIANA; COSENTINO, RENATO. Projeto, orçamento e (des)legados olímpicos. Poliana Monteiro, Renato Cosentino. – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2017.

LANCE!. Maracanã sem cadeiras? Veja as últimas reformas do estádio. LANCE!, Rio de Janeiro, p. 1-2, 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/galeria-premium/maracana-sem-cadeiras-veja-ultimas-reformas-estadio.html>. Acesso em: 5 dez. 2020.

LUCENA, Felipe. A história do Maracanã. Diário do Rio. 26 ago. 2016. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-do-maracana/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

PREUSS, Holger. Estruturando os conceitos de legado dos Jogos Olímpicos. In: DESLANDES, Andrea; DACOSTA, Lamartine; MIRAGAYA, Ana. O futuro dos megaeventos esportivos: inovações pós copa 2014 e jogos paralímpicos 2016. Rio de Janeiro: Engenho Arte e Cultura, 2015. (p. 75-91)

PRONI, M.W., FAUSTINO, R.B., SILVA, L.O. da. Impactos econômicos de megaeventos esportivos. Campinas: Casa da Educação Física, 2014. 182p.

RAMALHO, G.; GALDO, R. Um ano após a Olimpíada, o que ficou de legado para o rio. O Globo, Rio de Janeiro, 04 de ago. de 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/um-ano-apos-olimpiada-que-ficou-de-legado-para-rio-21666449> Acesso em: 05 dez. 2020.

RAMOS, Flavio Vinicius Vicente; JORGE, Rafael Marques Rabello. Percepção do legado econômico dos jogos olímpicos Rio 2016, no entorno do complexo do Maracanã, na ótica do corpo docente e discente do IEFD e PPGCEE da UERJ. Orientador: Dra. Carla Isabel Paula da Rocha de Araujo. 2020. 43 p. Trabalho de Conclusão de

Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

REIS, A. C. Megaeventos e turismo: uma breve revisão. In: Legados de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. (p. 509-517).

ROCHA, G. A economia dos Jogos Rio 2016: bastidores e primeiros impactos. Rio de Janeiro: Ipea, 2017.

ROCHA, Carla. A história e as reformas do Maracanã. MultiRio. Rio de Janeiro, 16 jun. 2015. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/2934-os-65-anos-do-maracana>. Acesso em: 5 dez. 2020.

RODRIGUES, Leonardo. Maracanã 70 anos:: os shows mais marcantes da história do estádio. UOL. 16 jun. 2020. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/amp-stories/maracana-70-anos-os-shows-mais-marcantes-da-historia-do-estadio/index.htm>. Acesso em: 5 dez. 2020.

SAMPAIO, Lucas; BORREL, Matheus Gurgel. Legado Ambiental dos Jogos Olímpicos 2016 sobre o complexo do Maracanã na ótica dos alunos e docentes da educação física e desportos da UERJ. Orientador: Dra. Carla Isabel Paula da Rocha de Araujo. 2019. 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VILLANO, B., TERRA, R. Definindo a temática de legados de megaevento esportivos. In: DACOSTA, Lamartine; CORRÊA, Dirce; RIZZUTI, Elaine; VILLANO, Bernardo; MIRAGAYA, Ana. Legado de megaeventos esportivos. Brasília: Confef, 2008. (p. 103-105).

VASCONSELOS, A. O Legado dos grandes eventos para a segurança pública no Brasil, Brasília: Instituto de pesquisa econômica aplicada, 2018, Dissertação de Mestrado em Economia.

LUGAR E SIMBOLOGIA NOS SIGNIFICADOS HISTÓRICOS DO ESTÁDIO DO MARACANÃ

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

O meu estudo de doutorado (Tavares, 2015) teve como objetivo analisar as representações do estádio Jornalista Mário Filho, Maracanã, em diferentes momentos de sua história. Corroborando o argumento de Tuan (1983, p. 151) de que o “espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”, a tese central é a de que o Maracanã se torna um lugar para os torcedores a partir de uma combinação de significados. Estabelecemos caminhos que nortearam pesquisas com o intuito de contemplar diferentes fases pelas quais o estádio passou nos permitindo verificar a construção de significados sobre o Maracanã. Analisamos reportagens veiculadas pelos jornais sobre o estádio do Maracanã, desde o período do projeto inicial até a sua inauguração (1947 a 1950). Descrevemos as formas pelas quais os torcedores experienciaram o Maracanã, possibilitando a construção de significados sobre o estádio. Analisamos também o processo de construção da memória dos torcedores sobre o Maracanã. Por fim, buscamos entender as configurações que foram se apresentando na sociedade acarretando a reestruturação do estádio e estabelecendo novas percepções sobre o mesmo. E, após a reabertura do novo

Maracanã, buscamos verificar as diferentes percepções dos torcedores entre o antigo e o novo lugar do futebol. O estudo se justificou pela possibilidade de entendermos como se constrói/reconstrói, a partir das relações entre indivíduo e espaço, um lugar simbólico, principalmente quando presenciamos uma reforma arquitetônica que impõe novos comportamentos e ações dos torcedores. Concluímos que fatores como a arquitetura do Maracanã, o decurso do tempo e as experiências vividas no seu interior contribuíram para que o estádio tenha se tornado um lugar afetivo e simbólico para os torcedores cariocas. Em complemento a tais posicionamentos, são apresentados a seguir resumos de estudos preliminares e posteriores à tese defendida em 2015.

Referência: TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira. Estádio do Maracanã: Construção e Reconstrução de Significados. Tese Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Esporte. Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015 (Orientadores: Sebastião Josué Votre e Silvio de Cassio Costa Telles).

ESTADIO DO MARACANÃ 1950-2010: Na Memória de Torcedores

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Sebastião Josué Votre

Publicado em Movimento, v. 20, n.3, p. 1017-1038, jul./set. 2014

Resumo: O Estádio do Maracanã, na relação com seus torcedores, é tema deste estudo. Nosso objetivo é identificar as memórias de torcedores sobre o Maracanã e analisar os significados dessas memórias. A análise privilegia aspectos que contribuíram para a construção desse estádio-

-símbolo. O referencial teórico é da abordagem psicossocial da memória, formulada por Sá (2005, 2007). Pautamo-nos pela análise do conteúdo (BARDIN, 2011). Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com torcedores assíduos do Maracanã, de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. Os resultados apontam para singularidades construídas na relação entre os torcedores do Maracanã, que transitam pela arquitetura do estádio, pelas emoções vivenciadas a cada dia de jogo e pelo sentimento de pertencimento.

ESTÁDIO DO MARACANÃ: dos Alicerces ao Colosso do Derby

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Sebastião Josué Votre

Publicado em Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 37, Issue 3, Jul./Sept. 2015, p. 258 - 264

Resumo: As construções esportivas, verdadeiros templos do esporte, são exemplos de lugares com significados simbólicos, culturais e emocionais. Lugares que vão formando uma consciência que perpassa gerações, construindo uma memória social repleta de significados. O presente artigo tem como objetivo analisar reportagens veiculadas pelo Jornal dos Sports sobre o Estádio Jornalista Mário Filho – Maracanã, desde a época das discussões do projeto inicial até sua inauguração, procurando inferir, através da análise do conteúdo (Bardin, 2011), como essas notícias contribuíram para que o estádio tenha se tornado um símbolo nacional.

ESTÁDIO MARACANÃ: Lugar do Esporte Carioca

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Sebastião Josué Votre

Silvio de Cassio Costa Telles

Publicado em Motriz, v. 24, Issue 4, 2018, e101892

Resumo: Este estudo aborda a relação entre torcedores e o lugar do esporte, com foco no equipamento esportivo de futebol, na margem direita do Rio Maracanã, na Cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é analisar práticas e comportamentos adotados por torcedores no Maracanã e discutir a relação deles com a arquitetura do estádio ao longo da sua história. O estudo contribui na construção e preservação de representações sobre esse lugar, símbolo do futebol no Rio de Janeiro. Apoiado nos preceitos da história oral, os dados foram gerados a partir de duas entrevistas de profundidade com informantes de elite e de documentos dos arquivos da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro. A análise, de caráter descritivo e qualitativo, valeu-se dos estudos de Yi-Fu Tuan sobre 'espaço' e 'lugar'. O estudo permitiu interpretar e preservar percepções e representações sobre experiências vividas pela maioria dos torcedores, que contribuíram para a transformação do estádio, de espaço do Derby Club, para lugar do futebol carioca.

ESTÁDIO DO MARACANÃ: Percepções a Partir da Reestruturação Arquitetônica de 2010

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Sebastião Josué Votre

Silvio de Cassio Costa Telles

Fabiano Pries Devide

Publicado em Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V. 40, Issue 2, Abr./Jun. 2019, p. 205-212

Resumo: Em 2013, o estádio do Maracanã passou por uma reestruturação arquitetônica. Investigamos percepções de funcionários sobre a reforma, no período de 2010 a 2013, com ênfase nas relações entre os discursos e o cenário do futebol contemporâneo. O conteúdo de dez entrevistas foi compulsado com atividades de observação sistemática em 2012 e 2013. Os resultados confirmam que o Maracanã se ajusta aos padrões de segurança, conforto, sustentabilidade ambiental e econômica, estabelecidos pela FIFA para construções de estádios de futebol.

ESTÁDIO DO MARACANÃ: Um Estudo Comparativo entre as Representações Sociais dos Torcedores sobre o Antigo e o Novo Lugar do Futebol

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Sebastião Josué Votre

Silvio de Cassio Costa Telles

Publicado em Movimento, v. 24, n.2, abr./jun. 2018, p. 353 - 366

Resumo: O objetivo desse estudo foi comparar as representações sociais de torcedores sobre o estádio do Maracanã antes e após a reforma de 2010. A metodologia utili-

zada foi da análise prototípica. Percebemos que a estrutura do núcleo central e sistema periférico sofreram algumas alterações em sua composição em função do novo espaço do futebol, que impôs novas práticas e comportamentos ao torcedor.

REVISANDO OS ESTÁDIOS NA PANDEMIA COM FOCO EM LIÇÕES PASSADAS DO MARACANÃ

Rômulo Meira Reis

Palcos do espetáculo futebol e muitas vezes adaptado para o esporte em geral, shows e entretenimento, os estádios são objetos de devotamento, paixões, superstições, momentos de felicidades e tristezas. No Brasil, o exemplo mais citado dessas caracterizações é o Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, hoje um símbolo incorporado à cultura nacional por múltiplos significados além do esportivo (TAVARES, 2015). Em termos gerais, desde suas primeiras e íntimas relações com a sociedade, os estádios são espaços voltados para a prática esportiva ou entretenimento, denotação esta atribuída aos gregos e romanos nos tempos dos Jogos Olímpicos em Olímpia, por volta de 776 a.C., e com os espetáculos de lutas entre gladiadores no Coliseu de Roma a partir do século III d.C. (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2011; YARONI, 2012).

No decorrer da história humana a constituição dos estádios esteve conectada com momentos sociais culminantes como a pujança imperial de Roma Antiga e o Coliseu; a Revolução Industrial no século XIX e os Jogos Olímpicos da era moderna; a reconstrução da Inglaterra com o término da 1ª Guerra Mundial e a construção do Wembley Stadium; os avanços econômicos do Brasil da Era Vargas

e o surgimento de estádios nas capitais do país (CERETO, 2003; RUFINO, 2010); a construção do Estádio do Maracanã no início do nacional-desenvolvimentismo no país. Em particular, os estádios de futebol têm tido maior visibilidade do que outras instalações esportivas, refletindo diretamente na identidade, cultura local, (re)qualificação do espaço urbano e simbologia da prática esportiva. Por ser a modalidade esportiva mais importante em escala global, os estádios de futebol tornaram-se centrais na organização dos megaeventos esportivos, como por exemplo, na Copa do Mundo da FIFA e nos Jogos Olímpicos (SOUZA E CARVALHO, 2010), o que mais uma vez oferece destaque ao Maracanã por ter participado de ambos.

Nesse contexto, todavia se cogitando dos Estádios de Futebol da atualidade, pode-se afirmar que essas instalações passam por um processo de modernização e adequações conforme as necessidades vigentes de eficiência operacional e atendimento da clientela (AMARAL & BASTOS, 2011). Com isso, tornou-se corrente uma infraestrutura composta por coberturas, sistema de iluminação, sistemas de drenagem a vácuo, circuitos fechados de TV, assentos em todos os locais, elevadores, escadas rolantes, telões e televisores em LED, sistema de som digital, nobreaks, catracas eletrônicas, camarotes, vestiários, entre outros itens que abrangem as áreas de funcionais de segurança, delegações e atletas, arbitragem, imprensa, autoridades, acessibilidade e conforto (REIS, 2017).

Dentro dessa dinâmica de contínua requalificação sobressai um grande expoente brasileiro do passado e do presente: o Estádio Jornalista Mario Filho, o Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado em 1950 para Copa do Mundo da FIFA da época, o Maracanã foi fruto da oferta de “candidatura” brasileira para sediar o evento após a

2ª Guerra Mundial. Com isso, sua concepção foi no bairro da Tijuca, acompanhando o rio Maracanã, que passa ao lado do estádio, o que se tornou referência da área urbana adjacente, hoje um marco turístico cidade.

O Maracanã em sua trajetória tem como marca rivalidades, paixões mas também reformas estruturais em 1994, 2000, 2007 e 2014 para o mundial da FIFA no Brasil. Tais modificações no estádio icônico em foco tem refletido adaptações às novas exigências de uso e de viabilidade financeira mas também tem servido de referencial para as demais instalações similares do futebol e de múltiplo uso esportivo e entretenimento. Significativamente, a “modernização” das instalações sempre implicaram em elitização dos frequentadores do mais famoso estádio do país, outra caracterização típica posta em evidência por TAVARES (2015).

Entretanto, diante das transformações e rápida evolução tecnológica, não só no esporte, mas sim com a infraestrutura geral para prática do futebol, perguntamos onde caminhamos com relação ao futuro? De fato, é uma pergunta complexa de ser respondida, porém, considerando as circunstâncias do esporte atual, não é cabível fugir das transformações e reformas de infraestrutura. Ainda mais porque a cada nova edição da Copa do Mundo, a própria FIFA muda seu caderno de encargos e exigências para com o futebol, desencadeando uma série de mudanças nos países associados. Neste caso, mais uma vez o Maracanã serve de exemplo, pois foi submetido a uma gigantesca remodelação para se ajustar aos critérios do Comitê Olímpico Internacional para sediar a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016.

Por outro lado, os condições atuais dos estádios causadas pela pandemia mundial do novo coronavírus tem pro-

porcionado partidas com portões fechados em toda a América do Sul, público normal na Rússia, convidados e público restrito na Europa, e estádios de futebol com 50% de público no Japão, revelando a dimensão da discrepância e diferenças entres os países nestes tempos de insegurança social.

Personificando a situação enfrentada pelos estádios no Brasil, deparamos atualmente com o possível retorno do público aos estádios brasileiros e ao Maracanã, o qual neste mesmo ano de 2020 passa por comemorações de seus 70 anos de existência. Dessa forma, fazendo uma breve reflexão verifica-se que, no contexto do futebol, caso o público retorne ao estádio, a responsabilidade legal acaba recaindo para o clube mandante e a entidade organizadora da competição. Além disso, a liberação para recepção de público também passa pelas autoridades sanitárias de nível municipal, estadual e federal.

Em termos operacionais existe a hipótese de abrir o estádio com cerca de 20% ou 30% da capacidade abrindo todas áreas ou níveis, o que implica em custos, medidas de prevenção e higienização, emprego de pessoal e manutenção do estádio para atender parte de sua capacidade. No entanto, com este dispositivo, qual seria o preço do ingresso para cobrir as despesas?

Digamos ainda que a abertura das portas para um público restrito seja uma realidade. As pessoas realmente iriam respeitar o distanciamento social? Iriam usar máscaras durante todo o tempo? Como seria a comemoração de um gol? Estas são questões para serem respondidas na previsão de se tornarem realidade.

Não podemos também deixar de cogitar se houver a contaminação e internação de uma pessoa pelo novo coronavírus por ter participado de determinada partida de

futebol, o que fazer? Existe um seguro ou assistência médica? Como comprovar ou não que a pessoa contraiu o vírus no estádio? E ainda, caso o pior aconteça, quem seria o responsável?

Enfim, cabe-nos admitir, então, que tal quadro de implicações futuras para os estádios de futebol certamente não farão cessar as novas transformações e avanços tecnológicos em infraestrutura voltada para o esporte, como sempre ocorreu nos últimos 70 anos de funcionamento do Maracanã. E deste estádio símbolo também poderão vir lições do passado diante do combate ao novo coronavírus que faz hoje cada estádio e o futebol no Brasil caminhar com portas fechadas.

Em conclusão, as lições históricas do Estádio do Maracanã indicam que esta entidade cultural-esportiva jamais cessou suas atividades diante de processos seletivos de público, o que tem acontecido desde a sua fundação em 1950. Ou seja: o mito do estádio símbolo do país sobreviveu por vezes à injusta seletividade de seus frequentadores, mas a lógica da desigualdade social como também nexos da eficácia econômica sugerem que deve haver limites neste longo processo de acomodação. Assim interpretado, admite-se finalmente que a ameaça do novo coronavírus deva abrir espaço para estudos e pesquisas visando a explorar melhor as lições passadas do Maracanã mítico de modo a antecipar o seu futuro e de seus congêneres do país e do exterior.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Cacilda Mendes dos Santos; BATOS, Flávia da Cunha. Processo de modernização dos estádios de futebol. FDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 154, Marzo de 2011.

CERETO, M. P. Estádios Brasileiros de Futebol: uma Reflexão Modernista? In: 5 Seminário DecoMomo, São Carlos, 2003. Anais 5º Seminário DecoMomo, São Carlos, Editora FTD, 2003.

YARONI, Erika. Evolution of stadium design. Master Degree. Department of Civil and Environmental Engineering. Massachusetts Institute of Technology. June, 2012.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Guia de recomendações de parâmetros e dimensionamentos para segurança e conforto em estádios de futebol. Brasília, 2011.

REIS, Rômulo Meira. Copa do Mundo FIFA 2014: gestão e legados da candidatura ao pós-evento. Tese de doutorado. PPCEE-UERJ, 2017.

RUFINO, Andressa. Arena multiuso: um campo de negócios. Trevisan Editora Universitária. São Paulo, 2010.

SOUSA E CAVALHO, Miriam Neves de . O Desporto e a Requalificação Urbana da Cidade - Paradoxos e Conflitualidades nos Jogos Olímpicos de Verão, no período compreendido entre 1960 e 2008. Mestrado em Gestão do Desporto. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, 2010.

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira. Estádio do Maracanã: Construção e Reconstrução de Significados. Tese Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Esporte. Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

AUTORES

TITULAÇÃO, VÍNCULO E ENDEREÇO

Agnaldo de Senna

Graduação em Educação Física
UFRJagnaldoufrj@gmail.com

Ana Beatriz Correia de Oliveira Tavares

Profa. Dr.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/RJ
ana.tavares@ifrj.edu.br

Ana Miragaya

Profa. Dr. Universidade Estácio de Sá – Petrópolis/RJ
amiragaya@uol.com.br

Bianca Gama Pena

Profa. Dr.
Gestora de Projetos da Diretoria de Inovação da UERJ,
Gestora do eMuseu Nacional do Esporte/RJ
biancagamapena@gmail.com

Caio Serpa Madeira

Mestrando PPGCEE/UERJ e Sec. Municipal Educação/RJ
caiocserpa@gmail.com

Carla Isabel Paula da Rocha de Araújo

Profa. Dr.
Pós Doutoranda PPGCEE/UERJ
carla_mpompilho@hotmail.com

Isabela Gonzaga dos Santos

Graduação em Educação Física UFRJ

isagonzagajj@gmail.com

Lamartine DaCosta

Prof. Dr.

Professor Colaborador PPGCEE/UERJ

dacosta8@terra.com.br

Marinilza Carvalho Bruno

Profa. Dr.

Diretora Dept. de Inovação da UERJ – INOVUERJ

marinilza@sr2.uerj.br

Rodrigo Vilela Elias

Doutorando PPGCEE/UERJ e professor FACHA/RJ

Prof. Dr. Em 15/12/2020

Rômulo Meira Reis

Prof. Dr.

Faculdades Integradas Hélio Alonso – FACHA/RJ

romulomreis@hotmail.com

Silvio Telles

Prof. Dr. Professor PPGCEE/UERJ e PPGEF/UFRJ

silviotelles@terra.com.br

Este livro inaugura a editora do eMuseu do Esporte cujos objetivos são: (1) reforçar o propósito educacional e cultural das exposições museológicas complementando-as com obras escritas de acesso público; (2) estimular estudos e pesquisas a partir dos temas das exposições; (3) valorizar a gestão do eMuseu do Esporte com associações com universidades e pesquisadores; (4) ampliar o público potencial das exposições com oferta de livros de nível intelectual elevado. Esperamos ter reencontros com nossa clientela por meio de novos livros a serem publicados em futuro próximo.



BIANCA GAMA PENA

*Gestora do
eMuseu do Esporte*



PATROCÍNIO



Secretaria de
Esporte, Lazer
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

APOIO

